



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

LEMBRANÇAS MOFADAS DE UM JARDIM À NOITE:
A DEMISSÃO DO SUJEITO FRENTE AO DESCENTRAMENTO DO MUNDO
EM CAIO FERNANDO ABREU E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

João Vittor Gomes Firmo

Rio de Janeiro
2024

JOÃO VITTOR GOMES FIRMO

LEMBRANÇAS MOFADAS DE UM JARDIM À NOITE:
A DEMISSÃO DO SUJEITO FRENTE AO DESCENTRAMENTO DO MUNDO
EM CAIO FERNANDO ABREU E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto
Coorientador: Prof. Dr. Cristiano Mello de Oliveira

RIO DE JANEIRO

2024

CIP - Catalogação na Publicação

F5251 Firmo, João Vittor Gomes
Lembranças mofadas de um jardim à noite: a demissão do sujeito frente ao descentramento do mundo em Caio Fernando Abreu e Sophia de Mello Breyner Andresen / João Vittor Gomes Firmo. -- Rio de Janeiro, 2024.
65 f.

Orientadora: Godofredo de Oliveira Neto.
Coorientadora: Cristiano Mello de Oliveira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Literaturas, 2024.

1. Caio Fernando Abreu. 2. Sophia de Mello Breyner Andresen. 3. Literatura Comparada. 4. Ditadura Militar Brasileira. 5. Salazarismo. I. Neto, Godofredo de Oliveira, orient. II. Oliveira, Cristiano Mello de, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

JOÃO VITTOR GOMES FIRMO

LEMBRANÇAS MOFADAS DE UM JARDIM À NOITE:
A DEMISSÃO DO SUJEITO FRENTE AO DESCENTRAMENTO DO MUNDO
EM CAIO FERNANDO ABREU E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Data de avaliação: 20/12/2024

Banca Examinadora:

 NOTA: 10 (dez)

Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto – Presidente da Banca Examinadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro

DocuSigned by:

4B0542D4C60149A...

NOTA: 10,0 (com louvor)

Prof. Dr. Cristiano Mello de Oliveira – Coorientador
Universidade Federal do Rio de Janeiro




NOTA: 10,0

Prof^a. Dr^a. Mônica Genelhu Fagundes – Leitor(a) crítico(a)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

MÉDIA: 10,0

Assinaturas dos avaliadores:



DocuSigned by:
CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA
4B0542D4C60149A...



As folhas desta monografia são dedicadas, especialmente, às razões do meu existir e de todo o meu orgulho, quem simbolizam inspiração, determinação e tanto batalharam, arduamente, durante incontáveis dias, noites e madrugadas, para que a Educação fosse uma *realidade presente*: os meus pais, *Aline Gomes* e *Rafael Firmo*, e a minha avó, *Maria das Graças Alves*.

Por todo apoio, carinho e presença, dedico este Trabalho de Conclusão de Curso, também, às minhas tias, *Luana Gomes* e *Roberta Firmo*, ao meu tio, *Adriano Firmo*, e à minha madrinha, *Ledir Ferreira*.

In memoriam: ao longo de suas trajetórias do existir, luz e companhia foram transmitidos pelos meus familiares e pelos meus animais de estimação de quem muito sinto falta: o meu avô, *Alcebíades Firmo*, a minha tia-avó, *Neves*, o meu cachorro, *Ralph*, e os meus gatos — *Farofa*, *Florzinha*, *Floquinho*, *Mikita* e *Minnie*.

Ao *Sonic*, à *Magali*, à *Chorona*, ao *Gael*, à *Aryska*, à *Shana* e ao *Billy*, mascotes da minha família, gratidão pelo acompanhamento durante todos os dias e momentos de estudos.

Por essas razões, para mim, *a trajetória acadêmica jamais foi um percurso solitário*.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro aspecto, eu gostaria de, cortesmente, agradecer a Deus, à Ave Maria, aos Anjos da Guarda, aos Guias, aos Mentores, aos Protetores Espirituais, aos Santos e aos Seres Celestiais por toda força e perseverança. Graças a vós, a trajetória pelo plano terrestre tem sido circunscrita por lindas bênçãos.

Além de dedicar este projeto, eu, cordialmente, agradeço aos meus pais e à minha avó por todo amor e união. Sem vocês, este especial instante não teria acontecido. Eu muito me orgulho de ser, respectivamente, seu filho e seu neto. É uma emoção indescritível estar aqui, nesta página, escrevendo esta homenagem. Para que o sonho da graduação pudesse ser concretizado, muitas lutas estiveram presentes em nossos caminhos. Muito obrigado por tudo!

Ao longo da jornada pela formação acadêmica, desde o Ensino Fundamental, muitas pessoas queridas têm estado presentes, desde a companhia durante as aulas das disciplinas, as orientações para participação em eventos científicos até os instantes de confraternização, de comunhão no *locus* extra-institucional, de votos de prosperidade à trajetória profissional, de auxílio no custeio de materiais impressos, de compreensão aos momentos em que eu não pude comparecer às celebrações devido aos estudos etc. Considerando-se todos esses especiais fatores, eu gostaria de, educadamente, agradecer:

À Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FL/UFRJ) pela recepção e por ter tornado possíveis as realizações de tantos sonhos.

Às Mestras e aos Mestres que, com didatismo e gentileza, ressignificaram a minha trajetória acadêmica: Ana Maria Teixeira, André Nascimento, Bárbara Oliveira, Beatriz Hallier, Bruna Teixeira, Carlos Alexandre Gonçalves, Cheyenne Lorosa, Christina Abreu Gomes, Cila Borges, Daniela Patti, Douglas Almeida, Isabella Pederneira, Juliana Mariano, Leandro Almeida, Letícia Dionisio, Lilian Rosa, Luciana Morgado, Marcelo Melo, Marta Lemos, Mônica Fagundes, Paula Mello, Raiff Magno, Rita Frau, Rita Ribeiro, Rodolfo Tavares, Silvia Vieira, Sofia Maria Silva, Thamiris Dias, Thiago Aquino, Thiago Higino (*in memoriam*) e Ygor Canalli.

Às Professoras e aos Professores com quem, orgulhosamente, pude trabalhar — em monitorias, projetos de extensão, estágio e iniciação científica —, reverência e gratidão pelos ensinamentos e por toda inspiração: Alayne Duarte, Ana Paula Quadros, Beatriz Protti, Fabiana Nascimento, Fernanda Lima, Glaucia Secco, Leandra de Oliveira, Marcel Amorim, Patrícia Desterro, Thiago Laurentino e Vítor Vivas.

Aos prezados Orientadores, cordialmente, pela parceria, pelos diálogos sempre harmoniosos, pelos direcionamentos recebidos, pela companhia (desde *Ficção Brasileira I*) e pelo auxílio no ofício de transposição do *plano das ideias* à materialidade das páginas desta escritura: Cristiano Mello de Oliveira e Godofredo de Oliveira Neto.

Aos queridos familiares, muito obrigado pelos reencontros e almoços felizes, pelas tradicionais partidas de *adedonha*, que tentamos, com empenho, vencer, pelas histórias divertidíssimas que sempre nos alegram, por toda luz e por todo apoio, especialmente: Ademilton Alves, Aleixa Costa, Alessandra Fonseca, Ana Luiza Gomes (*Lu*), Ana Nascimento Souza, Andressa Valentim, *Carlinhos (in memoriam)*, Carlos Augusto Gomes, Carlos Vinicius Gomes, Déborah Gomes, *Dona Penha*, Elisangela Costa, Elza Dionísio, Emanuel Gomes (*Manu*), Érika Dionísio, Estela Nogueira (*Estelinha*), Flávia Padilha, Flavia Sabino, Flavio Eduardo, Fernanda Delegave, Isabel Costa (*Bel*), Ivonete Pereira (*Tia Iva*), João Arthur Nogueira, Joelma Aguiar (*Jojó*), Lêda Lessa, Lillian Machado, Lúcia Alves, Luiza Paura (*Lu*), Marcus Bello, Maria Clara Firmo, Maria de Lourdes (*Tia Ude*), Maria Eleonete, Marlene Tavares, Miguel Firmo (*Miguelito*), Miguel Nogueira, Natan Bittencourt, Paulo Luiz (*in memoriam*), Rosemeira Gomes (*Vó Rose*), Samuel Firmo (*Samuca*), Sérgio Dionísio, *Seu Tuninho*, Silvia Moraes, Silvia Tavares, Tatiane Almeida, Tiago Couto, *Tia Marcilea*, *Tia Norma*, *Tia Raimunda*, *Tia Sueli*, *Tia Tina*, *Tio Zé*, Vânia Silva, Vitória Santos e Yasmim Gomes.

Aos queridos amigos e às queridas amigas, que transformam o ciclo do existir em uma travessia mais divertida e afável, apesar das tantas correrias e, por vezes, dos distanciamentos geográficos delimitados ao cotidiano, principalmente: Andrew Ribeiro, Anna Beatriz Jordão, Beatriz Pratts (*Bia*), Carla Januario, Carlos Eduardo Valladares, Carlos Rangel (*Carlinhos*), Carolina Aguiar (*Carol*), Cristian Quintanilha, Donato Souza, Elisabeth Cristina (*Elisa*), Eliseu Canêjo, Estéfany Teles, Felipe Vasconcelos, Gabrielle Tavares (*Gabi*), Giovanni Melo (*Gio*), Gracielle Andrade (*Grazi*), Isabel França (*Bel*), Jéssica Garcia, João Pedro Alves (*JP*),

Juan Pinheiro, Juliana Marinho, Juliana Melo (*Ju Sensei*), Kahleen Ribeiro, Kethelen Costa, Laís Oliveira, Laísa Gomes, Lírio Ferreira, Lívia Buchbinder, Luma Buchbinder, Mayara Luisa, Milena Mendes, Orquídea Garcia, Otávio Lima, Pedro Almeida, Rafaela Martins (*Rafa*), Rafaelle Tavares (*Fafá*), Sergio Riça, Stefanny Figueiredo, Thais Pereira, Vanessa Nunes (*Vanny*) e Yan Andrade.

“Você que inventou esse estado
E inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
O perdão

Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia”

(Chico Buarque)¹

¹ Excerto da canção “Apesar de Você”, composta por Chico Buarque, integrante do álbum homônimo lançado no ano de 1970. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/7582/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

RESUMO

Nesta monografia, o objetivo primordial reside no estabelecimento de pontos de interseção entre dois autores intercontinentais: Caio Fernando Abreu (1948-1996) e Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004). No que concerne à trajetória do existir, ambos os artistas da palavra vivenciaram períodos de cerceamento da liberdade (a Ditadura Militar, no Brasil, e o Salazarismo, em Portugal). Nesse viés, pelos prismas atinentes ao “desconcerto do mundo” (*cf.* Alves, 1977), à ruína (*cf.* Benjamin, 1987) e à “demissão do sujeito” — conceituação postulada por Godofredo de Oliveira Neto (ABL/UFRJ) —, visa-se, entre prosa e poesia, identificar o delineamento da resistência à opressão e à censura, além da representação do indizível. Para tanto, como *corpora*, foram selecionados oito poemas constituintes do livro *Coral e outros poemas* (2018) — “Cada dia é mais evidente que partimos”, “Carta aos amigos mortos”, “Como é estranha a minha liberdade”, “Data”, “Exílio”, “Intacta memória”, “O jardim e a noite” e “O velho abutre” — e três contos da obra *Morangos mofados* (2015): “Diálogo”, “Os sobreviventes” e “Transformações”. Busca-se, concomitantemente, responder ao seguinte questionamento: as múltiplas vozes, em diferentes escrituras, demonstram positivas perspectivas com relação a um novo amanhã?

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu; Sophia de Mello Breyner Andresen; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Literatura Comparada; Ditadura Militar Brasileira; Salazarismo; prosa; poesia; resistência.

ABSTRACT

In this monograph, the main purpose dwells on establishing intersectional points between two intercontinental authors: Caio Fernando Abreu (1948-1996) and Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004). As regards the trajectory of existence, both writers lived through periods marked by restriction of liberty (Military Dictatorship, in Brazil; Salazarism, in Portugal). In this connection, from prisms concerned to “desconcerto do mundo” (*cf.* Alves, 1977), to ruins (*cf.* Benjamin, 1987) and to “demissão do sujeito” — concept postulated by Godofredo de Oliveira Neto (ABL/UFRJ) — aim, betwixt prose and poetry, to identify the delineation of resistance against oppression and censorship, beyond the representation of indescribable. To achieve this resolution, were designated, as *corpora*, eight poems constituent of *Coral e outros poemas* (2018) — “Cada dia é mais evidente que partimos”, “Carta aos amigos mortos”, “Como é estranha a minha liberdade”, “Data”, “Exílio”, “Intacta memória”, “O jardim e a noite” e “O velho abutre” — and three narratives of literary work *Morangos mofados* (2015): “Diálogo”, “Os sobreviventes” and “Transformações”. Intended to, simultaneously, answer the subsequent question: do the multiple voices, in different writings, demonstrate positive perspectives in relation to a new tomorrow?

Keywords: Caio Fernando Abreu; Sophia de Mello Breyner Andresen; Brazilian Literature; Portuguese Literature; Comparative Literature; Brazilian Military Dictatorship; Salazarism; prose; poetry; resistance.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 <i>LEVANTAI HOJE DE NOVO</i>: A AUSÊNCIA DE UM NOVO AMANHÃ EM SOLO LUSITANO DURANTE O REGIME SALAZARISTA.....	17
3 A CRISTALINIDADE DOS VOCÁBULOS COMO FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO, DE NOMEAÇÃO DE VAZIOS E DE ENFRENTAMENTOS: A PLURALIDADE DE TRAJETÓRIAS PELA COLETIVIDADE BREYNERIANA...21	
4 <i>Ó PÁTRIA</i> NEM SEMPRE <i>AMADA</i> E <i>IDOLATRADA</i>: O ENGENDRAMENTO DO CERCEAMENTO DA LIBERDADE DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL.....	35
5 A POÉTICA CAIOFERNANDIANA: LINGUAGEM ENTRE METAMORFOSES, CATARSES, DESPONTUALIDADES E ASPEREZAS.....	40
6 DELINEAMENTOS CONCLUSIVOS.....	53
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

Nas alíneas introdutórias, a presente escritura, pelo viés formal, estabelece diálogos com os preceitos da Literatura Comparada (LC) em razão do engendramento de tessituras entre obras que, em sua essência, foram produzidas tanto em estações quanto em locais distintos, evocando, assim, debates focalizados em questões inerentes aos contextos sócio-históricos aos quais estiveram interligadas (*cf.* Luiz, 2022).

Para esta finalidade, em circunscrição à territorialidade brasileira, destaca-se um dos autores mais influentes da literatura nacional contemporânea: Caio Fernando Abreu (doravante, CFA e Caio F.), nascido em 1948, na cidade de Santiago do Boqueirão, no Rio Grande do Sul. O ciclo de seu existir foi revestido, de modo concomitante, pela intensidade e pela brevidade: além da dedicação à carreira de escritor, atuou como jornalista por longos períodos, migrando entre cidades e integrando diferentes equipes em veículos de imprensa (*cf.* Correio do Povo, 2024) — como, a título de exemplificação, a “primeira equipe da Veja, revista semanal que, na época, trouxe inovações ao estilo e técnicas de reportagem no Brasil” (Correio do Povo, 2024, não paginado). Em 1996, em seu legado, constava o célebre registro de uma dezena de livros publicados (*cf.* Delfos, [s.d.]). Entretanto, o esplendor da trajetória pelo plano terrestre fora, abruptamente, interrompido devido ao falecimento precoce aos 47 anos de idade.

No que diz respeito à datação, a estreia do artista da palavra no mercado editorial ocorreu em 1970 por intermédio do lançamento de “O inventário do irremediável”. Entre as tópicas tematizadas nas produções do escritor, são notáveis a repressão, a censura, a fragmentação do ser, a violência e a (des)esperança de um novo amanhã.

Outrossim, torna-se imprescindível destacar que, a esses fatores, é acrescida uma linguagem ora próxima ao vernáculo, ora hermética, sob a companhia de determinados recursos estilísticos, tais como as inversões sintáticas, as despontualizações e as ironias — sejam vinculadas à perspectiva humorística, sejam estruturais —, os quais ressignificam, pois, o ato de ser e de estar no mundo.

Por outro aspecto, na localidade geográfica atravessada pelo Oceano Atlântico, encontra-se um país pertencente ao continente europeu: Portugal. A representante lusitana, cujas obras serão analisadas no decorrer deste trabalho, trata-se de Sophia de Mello Breyner Andresen. Nascida em 1919, na cidade do Porto, em paralelo à composição de versos e de contos, a autora de *O Nome das Coisas* (1977) e de *Navegações* (1983) trilhou uma notável

trajetória no ramo político, em caráter especial, na oposição à desigualdade e à injustiça — aqui, é válida a ênfase à atuação na Comissão Nacional de Apoio aos Presos Políticos (*cf.* Queirós, 2004) —, e a assistência às causas associadas à inclusão, como a luta em prol “de direitos à pessoa com deficiência” (Salles, 2018, não paginado).

No que tange à reflexão quanto à singularidade do impacto proporcionado pelo conjunto dos textos lançados por Andresen ao longo das mais de oito décadas de seu viver, é enfatizado, pela crítica — em síntese com a multiplicidade de tópicos, com a construção imagética e com a potente expressividade lírica —, o “reconhecimento da importância da poesia no mundo em que vivemos, podendo a escritora ser a ponte necessária entre os vários saberes” (Universidade de Aveiro, [s.d.], não paginado).

De outro modo, em momento subsequente à apresentação inicial, é elementar a indicação dos prismas temáticos valorados nas páginas desta argumentação. À ótica da temporalidade, priorizar-se-ão instâncias do século XX. Nesta cronologia histórica, a natureza do delineamento de eventos político-sociais foi caracterizada por dessemelhantes escalas de conflitos.

A título de ilustração, com o propósito de asseverar a amplitude dos decursos permeados pela fragilidade sociogeo-econômica, tem-se, pelo enquadramento resumitivo: a) no continente europeu, próximo à metade do segundo decênio do instante secular predecessor a este, houve a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), gerando, negativa e consequentemente, a dizimação de vidas e de recursos naturais dos países afetados pelos bombardeios; b) o outro violento confronto bélico, de abrangência global, cuja durabilidade foi superior a meia década, entre 1939 e 1945, para além do abalo ocasionado às relações diplomáticas em profusos países, orquestrou, sob a regência autoritária de um líder alemão, o cenário de horror derivado da intolerância aos grupos sociais minoritários, do extremismo, da promulgação de discursos e de decretos antissemitas e aversos à pluralidade e à *diferença*.

Em consonância com a recente discussão, no espaçamento antecedente ao fim da primeira metade do centenário destacado, houve o apogeu da demonstração da devastação química condizente ao armamento nuclear: o ano era 1945; no mês da véspera do “término” da instabilidade planetária, duas bombas foram atiradas em cidades japonesas (Hiroshima e Nagasaki) (*cf.* CNN Brasil, 2024), configurando, outra vez — ou, na verdade, desde o

princípio —, a externalização do ideário de desvinculação da atenção aos danos causados às vidas inocentes.^{2 3}

Ademais, no continente africano, notabilizaram-se as batalhas protagonizadas pelos civis participantes dos movimentos pela emancipação das nações — como, à guisa de elucidação, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), o Movimento de Libertação da Guiné e Cabo Verde (MLGC) etc. — do colonialismo sequencializado, em intervalos não-efêmeros, por uma amálgama de potências europeias.

No que concerne à América Latina, governanças operacionalizaram o silenciamento dos direitos democráticos dos cidadãos e instauraram o que Emir Sader (*[s.d.]*, não paginado) nomeou como “regimes de terror”. Acerca do assunto, o sociólogo, também, ponderou, sucintamente, esta rememoração: “Iniciado no Brasil em 1964, esse ciclo de ditaduras militares disseminou-se pela região, chegando à Bolívia (1964), à Argentina (1966, e depois 1976), ao Chile e ao Uruguai (1973)” (Sader, *[s.d.]*, não paginado).

Portanto, entre as especificidades desta elocução, serão fontes de reflexão, na esfera geopolítica, os coeficientes condicionantes à Ditadura Salazarista (1933-1974), em Portugal, e à Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), considerando-se, no âmbito literário, a arquitetura de discursos de resistência, de contestação à coibição e da externação do anseio pela transfiguração dos quadros de perseguição às circunstâncias pacíficas da civilização.

Nisso, com o intuito de viabilizar as interlocuções propostas, os objetos empíricos selecionados correspondem aos seguintes gêneros textuais: a) poesia, através das escrituras “Cada dia é mais evidente que partimos”, “Carta aos amigos mortos”, “Como é estranha a minha liberdade”, “Data”, “Exílio”, “Intacta memória”, “O jardim e a noite” e “O velho abutre”, presentes em *Coral e outros poemas* (2018), de Sophia de Mello Breyner Andresen; e b) prosa, mediante os contos “Diálogo”, “Os sobreviventes” e “Transformações”, integrantes do livro *Morangos mofados* (2015), de Caio Fernando Abreu.

Buscar-se-á, aliás, alinhar as interpretações desses textos à evidenciação do elo entre a realidade e a arte literária, adotando-se, primordialmente, estas conceituações: o *desconcerto*

² Em resposta (e protesto) às tiranias implementadas durante a Segunda Grande Guerra, a Organização das Nações Unidas (ONU), em 1948, como conscientização para que casos semelhantes jamais ocorram, publicou a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDH). Disponível em: <http://www.ct.ufpb.br/lacesse/contents/documentos/legislacao-internacional/declaracao-universal-dos-direitos-humanos-1948.pdf/view>. Acesso em: 9 dez. 2024.

³ Como material complementar à referida DUDH, recomenda-se a leitura do material “Declaração universal dos direitos humanos: ideal de justiça, caminho da paz”, produzido pelo Senador Pedro Simon, no ano de 2008. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/505869>. Acesso em: 9 dez. 2024.

do mundo à ótica camoniana (cf. Alves, 1977), a *ruína* benjaminiana (cf. Benjamin, 1987), a metaforização de Eduardo Portella (1975, p. 24) — ao denominar as atribuições “literatura espelho” e “literatura protesto” —, bem como a *demissão do sujeito*.

Quanto ao último enviesamento, a autoria de concepção é atribuída a Godofredo de Oliveira Neto, docente de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FL/UFRJ) e imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), o qual postulou, durante o 1º e o 2º semestres letivos de 2023, nas duas disciplinas correlatas à “Ficção Brasileira”, o destaque aos instantes narrativos em que são descritos, em face das trajetórias das personalidades, os processos de apagamento e de distanciamento dos indivíduos ao cosmos à sua volta.

Destarte, as visões em interface constituirão o plano basilar à compreensão das imagens e das vozes, em alternadas instâncias, circunscritas pelo desamparo, pela dor e pelo desconhecimento da terra natal da/na qual os discursos são proferidos. Reverbera-se, assim, a variação de contestações aos *status quo*.

2 LEVANTAI HOJE DE NOVO: A AUSÊNCIA DE UM NOVO AMANHÃ EM SOLO LUSITANO DURANTE O REGIME SALAZARISTA

“Heróis do mar, nobre povo,

Nação valente, imortal

Levantai hoje de novo

O esplendor de Portugal!”

(Henrique Lopes de Mendonça)⁴

Frente ao recorte temporal delimitado nas linhas predecessoras, ao direcionar a lente de focalização ao passado de Portugal, entre a década de 1930 e o fim dos anos 1960, um dirigente sobressai-se: António de Oliveira Salazar. Nascido no fim do século XIX, em 1889, ele não pertencia a uma família diretamente interconectada à aristocracia. De acordo com os elementos filiados à vida pessoal, ele, de origem humilde, não obstante as adversidades, em contraposição às quatro irmãs, “foi o que teve maiores condições de avançar os estudos” (Rodrigues, 2012, p. 23).

Assim sendo, antes de conduzir o discurso às ocorrências atinentes ao regime de exceção aludido como “Salazarismo”, é de fundamental relevância a ciência em torno dos constituintes antecedentes à implementação deste. Unido a esse objetivo, no ofício desempenhado por William Valdujo Tavares Vieira Morgado, em 2021, é possível aferir, por meio de agrupamentos de enumerações, o delineamento do fortalecimento da presença de António enquanto acadêmico notável em suas áreas de atuação — Direito e Economia — como resultado — além dos anos de dedicação à formação intelectual —, de publicação de seus ideais em veículos de divulgação científica e das parcerias interpessoais convencionalizadas com profissionais de diferentes setores do saber.

Nessa acepção, no que se refere à amplitude dos eixos particular, político, social e religioso, é ressaltada a atmosfera de constantes movimentações do homem de estado entre os dois primeiros decenários do ciclo precedente ao Novo Milênio, com singular relevo, nesta asserção — envolta, com base no aspecto composicional, por termos de referência definida e não expressa (*cf.* Duarte, 2024) —, às seguintes condições:

⁴ Fragmento do Hino Nacional de Portugal, intitulado “A Portuguesa”. A composição, de autoria de Henrique Lopes de Mendonça (1856-1931), e a canção, orquestrada por Alfredo Keil (1850-1907), são datadas do final do século XIX — mais precisamente, do ano de 1890. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/luarnaut/A%20Portuguesa.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2024.

[...] nunca se casou ou teve filhos, era católico praticante, conviveu com a agitação anticlerical e republicana. Em 1900 fica no Seminário de Viseu, até 1918, em 1910, cursa Direito na Universidade de Coimbra, formado em 1914 com altas notas e doutorado em Economia. Na fase de contatos políticos (1910-1923), participou de palestras e debates, escreveu vários artigos [...] foi provedor da Santa Casa de Misericórdia de Coimbra; [...] eleito deputado por Guimarães pelo Centro Católico Português (CCP) [...] (Morgado, 2021, p. 52).

Contudo, a efetiva expansão do alcance dos ideários por ele defendidos ocorreu em 1932, ano em que, adicionalmente à nomeação como “Presidente do Conselho de Ministros, inicia o regime salazarista” (Morgado, 2021, p. 52), o qual marcará a conflagração da supressão à diversidade ideológica e à liberdade de expressão. Esta regência caracterizou-se, entre outras propriedades que transcendem as limitações desta pesquisa, por deter, em seu cerne, a fixação de ilhas remotas como endereçamentos de exílios (*cf.* Monteiro, 2015). Consoante o supramencionado Valdujo Tavares (2021), houve o combate ao senso crítico por intervenção de aparelhos de repressão — como a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Destacam-se, também, o impulsionamento do nacionalismo, a dissociação de partidos cujos dogmas constataram curvas de contraste à gestão vigente e a frívola constância em derredor da “morte a opositores ao regime” (Morgado, 2021, p. 53).

Neste instante, é crucial frisar isto:

Explicitar a relevância de António de Oliveira Salazar não significa, no entanto, louvar as respectivas concepções e práticas [...] ou negar as sequelas negativas decorrentes do facto de Portugal ter vivido em ditadura durante quase meio século. Resulta, apenas, da operatividade de constatar e procurar explicar, quer a longa duração de experiências de privação de liberdades e direitos fundamentais, quer o papel nuclear desempenhado por um dirigente que, apesar de ser supostamente desprovido de “carisma”, se manteve no essencial incontestado no interior das elites e da base de apoio do regime (Nunes, 2013, p. 1-2).

Paralelo ao conhecimento deste período, que, em termos gerais, esteve em conjunção com a significação [+sombriedade] por propiciar, aos limites territoriais controlados, a atmosfera de temor e de silêncio impositivos, Portugal, em sentido macro, enfrentava conjunturas que distanciam-no do ideário de progresso pleno, sem atritos. Por conseguinte, a essa averiguação, somam-se, sobretudo, a “falta de um desenvolvimento industrial” (Rampinelli, 2014, p. 123), a equivocada postura de vanglória defronte ao mantimento de relações colonialistas com o continente africano, os expressivos índices de analfabetismo da população e a disparidade de gênero no mercado de trabalho, nos espaçamentos urbanos e ruralinos, no tocante ao afastamento da equidade salarial (*cf.* Cova; Pinto, 1997) —

consistindo em quadros de vulnerabilidade social em vigor nos anos anteriores ao Novo Milênio.

Não obstante, conquanto as mobilizações de específicos setores civis em desacordo com as decisões governamentais de Salazar, a repercussão da influência do líder político transpassou o imaginário popular, especialmente, pela difusão da “depuração do *espírito da sociedade portuguesa*” (Rodrigues, 2012, p. 29, grifo nosso). Isto é, as causas indispensáveis à evolução do ambiente lusitano residiam nesta trindade em que avulta a valoração “da *tradição, da família e da nação*” (Rodrigues, 2012, p. 29, grifo nosso).

Por consequência, a campanha partidária obteve retornos positivos, uma vez que, aderindo à proposição de defender, durante a administração, os princípios adjuntos ao clássico quarteto “*Deus, Pátria, Família, Trabalho*” (Cova; Pinto, 1997, p. 81 *apud* Pinto, 1992, p. 674-688, grifo nosso), Salazar recebeu o suporte de civis e de corporações em alinhamento às convicções conservadoras — por exemplo, “a Guarda Nacional Republicana [GNR] e a Polícia de Segurança Pública [PSP]” (Morgado, 2021, p. 54), assim como o Movimento Nacional Feminino (MNF) e a Acção Católica Portuguesa (ACP) (Cova; Pinto, 1997).

Suplementarmente, é preciso indicar a propagação político-ideológica no contexto escolar. Quanto a esse dado, Cova e Pinto (1997, p. 81) classificam a estratégia como determinante, àquele estágio, do “novo ensino primário”. Para instituir a aura de reverência à volta da persona *António Salazar*, estratificou-se o fenômeno referido pelas pesquisadoras como “cristianização” (Cova; Pinto, 1997, p. 81), o qual materializou a sua estada por este percurso: “dos conteúdos à decoração das salas de aulas e aos rituais escolares” (Cova; Pinto, 1997, p. 81).

Logo, essa reunião fragmentária dos componentes alicerçados à ditadura salazarista possibilita a depreensão alusiva ao *como*, ao *quando*, ao *porquê* e a *de que maneira* sucedeu a estabilidade desse período da História Portuguesa (Rampinelli, 2014).

À vista do panorama alinhavado, se houve limitação de acesso e de circulação de informações e/ou ponderações — vide a sequência de ocorridos enfrentados por Humberto Delgado (1906-1965)⁵ — com o intento de construir, à comunidade internacional, uma positiva impressão de controle de forças antagônicas (Rodrigues, 2012), há a possibilidade de esboçar este questionamento: qual seria o instrumento [+adequado] à sensibilização do

⁵ A Associação dos Professores de História, em parceria com Mariana Lagarto, produziu e veiculou, via *site* da “RTP Ensina”, uma coluna jornalística sob o codinome “As oposições à ditadura do Estado Novo”. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/explicador/as-oposicoes-a-ditadura-do-estado-novo/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

público (natal e mundial) perante a desproporção entre as oratórias oficiais (*cf.* Lousada; Oliveira, 2021) e a autêntica disposição de todas as coisas?

Em súpula, estima-se que o gerenciamento da nação lusitana foi “um regime autoritário e não fascista, pois lhe faltava algumas características básicas” (Rampinelli, 2014, p. 123), as quais são “uma liderança carismática que envolvesse multidões, um partido único que mobilizasse as massas, uma ideologia expansionista e guerreira e uma tendência totalitária” (Rampinelli, 2014, p. 123-124). Todavia:

O Salazarismo partilhou com as restantes Ditaduras um núcleo fundamental: a ideologia do «regresso ao lar», ou seja, o seu elemento mais genérico, e que aliás não era uma especificidade do fascismo, sendo acompanhado pelos núcleos mais conservadores do espectro político e, muito particularmente, pela Igreja Católica, que, nesta área, lhe forneceu algumas das *premissas fundamentais* (Cova; Pinto, 1997, p. 90, grifo nosso).

Embora *plausivelmente* retórica, a pergunta projeta, ao espaçamento da função de *protagonismo*, um aparato empírico diversificado: a *Literatura*. Aqui, ela será compreendida — não somente, porém como um atributo complementar — à luz da probabilidade de “*desmascarar o sistema repressivo do Estado Novo*” (Monteiro, 2015, p. 295, grifo nosso), ainda que tenha sido recorrente o entrave às coletâneas de muitos produtores — de forma análoga à situação vivenciada por Herberto Helder (1930-2015) em 1968.^{6 7}

Por último, no capítulo adiante, com assistência dos poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen, a argumentação possuirá, como elemento central, o escopo de demonstrar se serão designadas (ou não) aproximações entre os versos sophianos e o(s) idealismo(s) convocado(s) na ode lusitana realçada na epígrafe desta seção. Ou seja, no escopo das estrofes da poetisa, quais representações imagéticas correspondentes à Portugal serão confeccionadas? Neste fazer poético, serão expressos pontos de vista em conformidade ou em disjunção com a proeminência de glorificação? Restitui-se o “*esplendor de Portugal*” (Mendonça, [s.d.], não paginado, grifo nosso) ou esse horizonte está condicionado à (quase) impossibilidade?

⁶ Neste relatório, de nº 8243, assinado por Joaquim Palhares, é oficializada, pela PIDE, a censura da obra *Apresentação do Rosto*, de Herberto Helder, sendo possível, sucintamente, ler os critérios para atribuição do embaixamento do arquivo. Disponível em: <https://www.arquipelagos.pt/imagem/relatorio-e-ordem-de-apreensao-da-pide-da-apresentacao-do-rosto-de-helber-to-helder-lisboa-ulisseia-maio-de-1968-lisboa-22-de-julho-de-1968-ephemera-biblioteca-e-arquivo-de-jose-pacheco-pereira/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

⁷ Neste informe, redigido por Lucas Brandão, no ano de 2017, para a “Comunidade Cultura e Arte”, a fim de divulgar um evento artístico realizado no Fórum Cultural de Ermesinde, são listados autores e escrituras considerados subversivos aos oficiais integrantes da aludida PIDE. Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/os-livros-e-artigos-proibidos-na-ditadura-de-salazar/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

3 A CRISTALINIDADE DOS VOCÁBULOS COMO FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO, DE NOMEAÇÃO DE VAZIOS E DE ENFRENTAMENTOS: A PLURALIDADE DE TRAJETÓRIAS PELA COLETIVIDADE BREYNERIANA

“Encontrei a poesia antes de saber que havia literatura. Pensava que os poemas não eram escritos por ninguém, que existiam em si mesmos, por si mesmos, que eram como que um elemento do natural, que estavam suspensos, imanentes. E que bastaria estar muito quieta, calada e atenta para os ouvir.”

(Sophia de Mello Breyner Andresen)⁸

Detentora de uma trajetória transpassada por dezenas de publicações, pelas comunicações com os personagens greco-romanos, pela representação da simplicidade que habita o cotidiano e pelo reconhecimento público tanto em seu país de origem quanto em regiões transatlânticas, Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) simboliza um dos principais referenciais da literatura lusitana.

No “Breve percurso rente ao mar”, Eucanaã Ferraz, docente de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FL/UFRJ) e responsável pela seleção e pela apresentação dos materiais atinentes ao livro *Coral e outros poemas* (2018), de SMBA, afirma que a essência sublime da autora “está entre nós, concreta e viva” (Ferraz, 2018, p. 17) por tratar-se “de uma natureza [...] que nunca se repete” (Ferraz, 2018, p. 17). A essa unicidade, aliada à *sensibilidade às nuances do subsistir*, congruente à avaliação do profissional de educação, verifica-se como “o particular e o coletivo se reconhecem num tecido sem fissuras” (Ferraz, 2018, p. 17).

Levando-se essa atestação como paradigma norteador, o itinerário interpretativo será iniciado pela passagem por uma composição nomeada “Cada dia é mais evidente que partimos”, originalmente compilada ao livro *Coral* (1950). A primitiva atenção poderia recair à concisão estrutural: apenas quatro versos compõem-no. No entanto, a profundidade semântica é resultante da combinação de *estados de espírito* que externalizam a *dimensão da*

⁸ Trechos de “Arte poética IV”, texto escrito pela poetisa portuguesa, o qual está presente no livro *Coral e outros poemas* (2018, p. 367). A seleção e a apresentação dos materiais foram realizadas pelo Prof. Dr. Eucanaã Ferraz, docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FL/UFRJ).

falta, do afastamento e da *convicta não-possibilidade* de reajustes, pois existe, meramente, o “nenhum possível regresso no que fomos” (Andresen, 2018b, p. 91, grifo nosso).

Em continuidade, é abordada a *fragmentação do sujeito* diante do tempo, evidenciando a *fragilidade* (ou a *pequenez*) dos seres humanos ante a imensidão da natureza. Relativamente à imutabilidade cronológica, pelo enfoque da intertextualidade, é viável o vínculo com as cogitações benjaminianas cujos referentes equivalem à dificuldade de exprimir, de maneira totalizante, a sequencialidade das *circunstâncias do não-agora*, porque “O *passado* só se deixa fixar, como imagem que relampia irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (Benjamin, 1987, p. 224, grifo nosso).

Por essa razão, a inércia intrínseca à regressão ancora-se à ratificação das incompatibilidades modo-temporais, posto que “irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente” (Benjamin, 1987, p. 224). Em outras expressões, na sincronia do discurso poético, as vivências pregressas estão alocadas em um espaço longínquo, sem reverberação no que pode ser considerado atual.

Transpondo a dissertação ao campo linguístico, o impasse do acesso ao *locus das anterioridades* é concretizado pela morfologia da classe de palavras designada *verbo*, cuja função, para Rocha Lima (2000, p. 122), corresponde a abarcar “um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres”. A partir disso, examina-se, no dispositivo poético, a sobreposição de cinco cenas ambientalizadas no *presente do indicativo* — “*é*”, “*partimos*”, “*despem*”, “*há*” e “*baste*” (Andresen, 2018b, p. 91, grifo nosso) — em comparação ao isolado caso de *pretérito perfeito*: “*fomos*” (Andresen, 2018b, p. 91, grifo nosso).

Por fim, na enunciação “Cada dia *as horas se despem mais do alimento*:/Não há saudade nem terror que *baste*” (Andresen, 2018b, p. 91, grifo nosso), o emparelhamento dos advérbios de negação (*Não* e *nem*) condiciona o *passado* à instância da *reminiscência amarga e temerosa*, a qual reflete as marcas de experiências prévias pelas quais esse *alguém* passou, à medida que a *sucessividade da vida* é tida como obrigatoriedade.

Em afinidade à leitura estrófica precedente, salienta-se a *prosopopeia* à ascensão dos minutos do relógio, que retiram de si, “do corpo (o vestuário)” (Klein, 2015, p. 179), aquilo que lhes é medular, todavia a abrangência do termo *alimento* não precisa a referenciação. O intensificador *mais* acrescenta velocidade ao alastramento dessa atitude, e a duplicidade característica (a *nostalgia* e o *aterrorizante*) não condiciona refreio à gradatividade do afastamento à “*substância* que, introduzida no organismo, serve para *nutrir os tecidos*” (Klein, 2015, p. 39, grifo nosso).

Sob outro ponto de vista, quatro anos depois, estreou o livro *No tempo dividido* (1954). Entre os conteúdos nele contidos, dois foram selecionados para análise: “Como é estranha a minha liberdade” e “Intacta memória”, os quais potencializam os efeitos de fatos externos às formas de sentir deste *eu* que evoca o *nós* ao coletivizar as suas vivências.

Topicalizando o primeiro objeto de estudo, o trístico inicial assinala-se por reunir associações incomuns entre os significados e os significantes dispostos — como, no verso inaugural, “estranha” e “minha liberdade” (Andresen, 2018d, p. 105); nas duas linhas inferiores, a *personificação* é conferida aos seres inanimados, que, no poema, são mencionados como “coisas”, exercendo, por sua vez, agentividade aos atos de *deixar* e de *abrir*: “As coisas deixam-me passar/Abrem alas de vazio pra que eu passe” (Andresen, 2018d, p. 105, grifo nosso).

Dessa forma, são sequentes estes paradoxos: *por qual motivo* a autonomia de um cidadão estaria dimensionada à estranheza e *por que* o sujeito [+animado] inverteu, aqui, os papéis, exteriorizando passividade aos episódios desencadeados em seu entorno?

Quanto a isso, é válida a investigação dos *subentendidos* contíguos ao texto. Assente Platão e Fiorin (2006, p. 311), a integridade destes é situada à “responsabilidade do ouvinte”, quem depreende as peças ordenadas em cada paisagem poética. Porquanto, denota-se uma *condição de paralisia* quanto ao *porvir* — ou, caminhando à dianteira, em alusão à exterioridade do material impresso (a *vida real*), no domínio hipotético, esse refrão poderia consubstanciar a reação ao impedimento da “expressão do livre-pensamento” (Lima; Camargo, 2020, p. 456) em virtude dos fatos sociais atreitos à sociedade portuguesa durante os anos 1950.

Além disso, na segunda segmentação, o *viés da excentricidade* retorna, proporcionando, ao poema, a presença de um aparente refrão — dado que a expressão “Como é estranha” (Andresen, 2018d, p. 105) figura triplamente, e a terceira aparição contabiliza uma sutil variação de gênero decorrente do acréscimo do morfema “o” ao radical “estranh-”. Com isso, gera-se ciclicidade, e informações novas são anexas às reflexões, movendo o leitor às variáveis *sessões de inquietações* de um *eu lírico insatisfeito* com os *porquês sem quês* difundidos pelas “*alas de vazio*” (Andresen, 2018d, p. 105, grifo nosso).

Convém sublinhar a tênue homogeneidade com o supracitado “Cada dia é mais evidente que partimos” por efeito da amplitude do substantivo concreto *nada*, que amplifica a acepção de efluxo do tudo consentâneo à trajetória do existir. Coincidentemente, ressurgue uma unidade *ilusoriamente* comum: o “alimento” (Andresen, 2018d, p. 105).

Contudo, a que ausência remete essa matéria àquele que profere os versos lidos? Tanto essa voz quanto quem lê chocam-se com *os caminhos delimitados pela nebulosidade recorrente*. À frente desse contorno dificultoso, apresenta-se como admissível o subsecutivo prisma: o predito vocábulo poderia atuar como algo indispensável “para salvar a vida de alguém” (Lispector, 1978, não paginado, grifo nosso).

Na proporcionalidade de eventualidades, estariam incluídos, como itens, *a incerteza residente no amanhã-que-não-vem*, a desconexão com o ambiente em que se vive e o cansaço desinente do *lutar quase em vão* contra a *força maior*. Toda essa eloquência acarreta na junção de “intensidade de vibração emocional” (Alves, 1977, p. 33), que “pode provocar o *desconcerto*, único modo de *explicar as contradições inexplicáveis*” (Alves, 1977, p. 33, grifo nosso).

Sintetizados na última verbalização, a *espécie de lamúria* vocifera o incômodo propiciado pelo “*não saber*” (Andresen, 2018d, p. 105, grifo nosso). Nessa vereda, duas alternativas são postas: seria a tessitura de uma implícita crítica à censura salazarista, a qual, pela PIDE, limitou, à população, o acesso às verídicas informações? Ou a corroboração foi um doloroso apontamento, em espectro globalizante, à autoalienação? O ponto final inexistente traslada essa poesia ao *ápice da suspensão* ou à replicação de *divagações de cunho existencialista* que visam “*questionar o modo de ser do homem*” (Ewald, 2008, p. 156 *apud* Abbagnano, 1984, p. 127, grifo nosso), bem como “*questionar o próprio ‘mundo’*, sem por isso pressupor o ser como já dado ou constituído” (Ewald, 2008, p. 156 *apud* Abbagnano, 1984, p. 127, grifo nosso).

Na prossecução, em “Intacta memória”, o arranjo vocabular sustenta-se em estrofe única de quatro versos. A expressão-título é separada por um travessão, sinal gráfico que circunda, na sintaxe desta escrita, uma oração subordinada adverbial condicional liderada pelo síndeto “se”. Aqui, a exatidão de todo o tópico frasal apenas é apreensível pelo *enjambement* — recurso poético notável quando a *ideia cenográfica* não se encerra na primeira linha, e a mensagem reverbera na(s) seguinte(s), facultando, justamente, “um *questionamento do limite entre prosa e verso*” (Manzoni, 2018, p. 59, grifo nosso).

Em vista disso, há, na íntegra:

Intacta memória — se eu chamasse
Uma por uma as coisas que adorei
Talvez que a minha vida regressasse
Vencida pelo amor com que a lembrei
(Andresen, 2018g, p. 109, grifo nosso).

Convoca atenção a dicção subjuntiva, incumbida de conferir, ao discurso, as *ramificações das suposições*. Houve uma quebra de expectativas resultante da *não-consumação da enumeração “prometida”*. Por essa tribulação, não são conhecidas as *fontes de adoração* convocadas.

Colateralmente, a *reincidência da dúvida* — pela partícula *se* e pelo advérbio *Talvez* — mostra-nos quais ambientações seriam efetivadas *se e somente se* as *exigências semânticas* fossem supridas. Embasado nessa asseveração, exhibe-se este paralelismo antitético: o *hoje* é marcado pelo *desquerer*, pela *mancha ácida*, enquanto o *ontem* é tido como *porto seguro*, a região que abriga as *belas lembranças* — é para *onde* anseia-se retornar devido à sua *fundamentação cerimonialista e amorosa*. Nas visões de Alves (1977, p. 36, grifo nosso): “A *felicidade* é o *passado*, a *dor* é o *presente*”.

Nesse caso, outros alvitres de leitura alcançam um assentamento de teorizações. Por ser qualificada — entre infinitudes de adjetivos possíveis — como “*Intacta*” (Andresen, 2018g, p. 109, grifo nosso), a memoração — quem exerce a função sintática nominativa — estaria constituindo, de alguma forma, um *apagamento (in)voluntário* dos fragmentos de períodos oblíquos a *sofrimentos ímpares?* Nesse aspecto, há influência da súplica e da expressiva valorização de sensações remotas?

Similarmente, adornar o *outrora* pelo *prisma serotônico*⁹ seria uma *fortaleza ao enfrentamento* (ou *preparação à chegada*) do *futuro*, já que, por residirem no *atual*, as elucubrações, consoante o título do livro da poetisa portuguesa, figuram *No Tempo Dividido*?

Em conclusão ao debate delineado nos parágrafos precursores, a *dubiedade* trabalhada estabelece, por ação das similitudes, conversações com estes versos de Luís Vaz de Camões (1524-1580) nos quais os sentimentos de *tristeza* e de *felicidade* são, também, agregados, respectivamente, ao *síncrono* e ao *decorrido*:

Campos bem-aventurados,

⁹ Frente à expressividade das interpretações desta poesia de SMBA, propõe-se, cordialmente, o *neologismo* em destaque, que consiste, pela *sufixação*, na adjetivação do substantivo *serotonina*, cujo referente é um neurotransmissor que exerce diferentes funções no organismo dos seres humanos. Com a finalidade de aprofundar os conhecimentos acerca desse assunto biológico, aconselha-se o 87º episódio do *podcast* “Minuto Saúde Mental”, desenvolvido por profissionais associados à Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <https://jornal.usp.br/podcast/minuto-saude-mental-87-para-que-serve-a-serotonina/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

A ficha técnica da produção científica é esta:

“Apresentação: João Paulo Machado de Sousa

Produção: João Paulo Machado de Sousa e Jaime Hallak

Coprodução e edição: Rádio USP Ribeirão

Coordenação: Rosemeire Talamone

Apoio: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Medicina Translacional, iniciativa CNPq e Fapesp” (Jornal da USP, 2024, não paginado).

tornai-vos *agora tristes*,
 que os dias em que me vistes
alegre são já passados
 (Luís, 2013, não paginado, grifo nosso).

Flexibilizando o foco a outras escrituras, nos parágrafos ulteriores, serão discorridos *Exílio*, *Data*, *O velho abutre* e *Carta aos amigos mortos*, aglutinados, pela primeira vez, no *Livro Sexto* (1962), produção que, em sua historicidade, enfrenta uma efêmera imprecisão — esta é explicada ao considerarmos que, “pela ordem de publicação, é *O Cristo cigano* que ocupa o lugar de sexto livro” (Ferraz, 2018, p. 27, grifos do autor). Nele, são aprofundados os *afetamentos dos fatores extrínsecos ao bem-estar do sujeito*, externando a veracidade da afirmativa de que “a *escrita* de um autor é *atravessada por seu tempo e por suas dores*” (Santos, 2024, p. 10, grifo nosso).

Em princípio, lê-se:

Quando a *pátria que temos não a temos*
Perdida por silêncio e por renúncia
Até a voz do mar se torna exílio
E a luz que nos rodeia é como grades
 (Andresen, 2018f, p. 189, grifo nosso).

Cumprе enfatizar que, na seção de abertura, fora mencionado o ofício de Eduardo Portella. Ainda assim, o que denotam os conteúdos *literatura espelho* e *literatura protesto* (Portella, 1975, p. 24, grifo nosso)? Nas designações do crítico literário, esta é “*motivada pelo sentido do revide*, empenhada em *condenar um determinado estado de coisas*, em *protestar contra uma situação determinada*” (Portella, 1975, p. 24, grifo nosso); aquela, por seu turno, traduz, ao terreno sensorial, os casos condizentes à temporalidade testemunhada por quem escreve. Ambas as extensões podem constar em diferentes escrituras de Sophia e, sobretudo, nas quatro que serão escrutinadas em seguida.

Nesta ocasião, é concebida uma contraposição elementar ao último poema esquadrinhado: em *Intacta memória*, houve a presença do pronome possessivo *minha*, que conferiu particularização ao referente daquele discurso (não se tratava de uma *vida alheia*, mas sim a daquela *voz*, singular frente às que, com ela, coexistem); em *Exílio*, pela conjugação *temos* (Andresen, 2018f, p. 189, grifo nosso), reifica-se o *nós* — o qual, sem embargo, mesmo oculto, continua existindo —, expensor da coletividade e da conectividade entre *texto* e *ledor*.

Supletivamente, as palavras apoiam-se à variedade de figuras de linguagem, as quais, pelo sensível prisma de Rocha Lima (2000, p. 500, grifo nosso), “são certas maneiras de dizer

que *expressam o pensamento ou o sentimento com energia e colorido*, a serviço das intenções estéticas de quem as usa”. Fundado nisso, o espetáculo poético é inaugurado pela *centralidade paradoxal* que representa desdobramentos acoplados à dualidade *ter e não ter*: como é concebível o *monopólio sobre algo que não possui*?

Aditivamente, ao configurar o sequenciamento pictórico à oração subordinada adverbial temporal — materializada pelo conectivo *Quando* (Andresen, 2018f, p. 189, grifo nosso) —, a leitura “parece levar a uma *espécie de isolamento do sujeito frente à iminência da catástrofe*” (Manzoni, 2018, p. 60-61, grifo nosso) por causa da periodicidade do *silêncio* e da *renúncia* impostos à região na qual esse *lamento* emerge. Por isso, a mensagem poderia estar tecendo “formas de *apreensão problematizadora do real*” (Hermes, 2018, p. 2, grifo nosso).

A fim de legitimar as recentes asserções, a transfiguração da “voz do mar” (Andresen, 2018f, p. 189) à iconografia da deportação, por um *movimento de gradação consecutiva*, acomoda o referente *Portugal* ao *locus horrendus*.¹⁰ Dessa maneira, o *marcador de pressuposição* “*Até*” (Andresen, 2018f, p. 189, grifo nosso), que enceta a penúltima estrofe, modifica significações: exemplificativamente, o *mar*, na anterioridade, era o espaço destinado ao *lazer*, ao *descanso*; a “*luz que nos rodeia*” (Andresen, 2018f, p. 189, grifo nosso), fonte de *reconexão do eu* em *dialogismo com a natureza*.

Mesmo assim, esses convencionalismos esvaíram-se, sendo revestidos, na contemporaneidade de sua veiculação, à feição [+negativa] — respectivamente, o distanciamento à geodiversidade (da) pátria e os arredores de uma cela, em decorrência do uso do atribuidor comparativo “*como*” (Andresen, 2018f, p. 189, grifo nosso).

Em linhas gerais, recorrendo à somatização das imagens, constituindo uma *leitura simbólica* (cf. Macedo, 2012), atenta às entrelinhas, ao que o texto “*diz sem dizer*, sugere, mas não diz” (Platão; Fiorin, 2006, p. 311, grifo nosso), “é possível notar *o desespero e a impaciência de se viver numa realidade caótica*” (Lima; Camargo, 2020, p. 464, grifo nosso).

Adiante, deparamo-nos com o emblemático poema *Data*, que, em sua totalidade, conclama:

Tempo de *solidão* e de *incerteza*
Tempo de *medo* e tempo de *traição*
Tempo de *injustiça* e de *vileza*
Tempo de *negação*

¹⁰ O Prof. Dr. Thiago Gonçalves Souza (IFPA), em 2019, no artigo “‘Locus amoenus’, ‘Locus horrendus’: paisagens coloniais da Amazônia no Século XVIII (1751-1759)”, extensiona debates correspondentes às duas tópicas literárias (presentes no título do material acadêmico) em interface com períodos da História Brasileira. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/44007>. Acesso em: 9 dez. 2024.

Tempo de *covardia* e tempo de *ira*
 Tempo de *mascarada* e de *mentira*
Tempo que mata quem o denuncia
 Tempo de *escravidão*

Tempo dos *coniventes sem cadastro*
 Tempo de *silêncio* e de *mordança*
 Tempo onde o *sangue* não tem rastro
 Tempo de *ameaça*
 (Andresen, 2018e, p. 190, grifo nosso).

Com suporte à sistematicidade do poema, na *tríplice estrófica quase cíclica*, enfatiza-se a *soberania da aliteração*, visto que a gênese de todos os versos é ilustrada pela consoante /t/, assim como é acentuada a fixação da expressão “Tempo de” (Andresen, 2018e, p. 190). Em acréscimo, o principal elo entre os termos que visam à abrangência do período temporal evocado é o síndeto coordenativo aditivo “e”.

Subsidiariamente, há uma contrariedade à expectativa de *correspondência ao codinome do material literário*, porquanto, em seu interior, não possui uma datação rigorosa. Na presença dessa abstração, que transcende a lógica humana, com o desígnio de melhor apreendê-la, é crível consultar o livro *Um Sopro de Vida*, de Clarice Lispector (1978, não paginado, grifo nosso), em que a autora estende divagações deterministas: “*O tempo não existe. O que chamamos de tempo é o movimento de evolução das coisas, mas o tempo em si não existe. Ou existe imutável e nele nos transladamos. O tempo passa depressa demais e a vida é tão curta*”.

Concernente à tematicidade, de modo explícito, ressoando na personalidade de quem produz literatura, “nota-se a necessidade que Sophia sente em *expor os acontecimentos do salazarismo* não apenas para as pessoas que viviam na mesma época ou na mesma nação, mas também para o mundo todo e em futuras gerações” (Lima; Camargo, 2020, p. 466, grifo nosso).

Portanto, pela cristalinidade dos vocábulos, a poetisa pôde transpassar, ao público, as dificuldades enfrentadas pelos civis, que lidavam com o pânico e com o *cessar de existências*, agentes instrumentalizadores de recintos transpostos pela destruição. Ao lado desse propósito representativo, a éfrase foi adornada por uma fusão de *campos associativos* — estes podem ser entendidos “como uma espécie de *imantação semântica*, ou seja, *uma palavra pode sugerir várias outras*, que com ela se relacionam numa dada situação ou contexto, *embora não sejam sinônimas*” (Gouvêa, 2024, p. 66, grifo nosso). Por esse efeito, os vocábulos podem ser elencados desta forma:

- I. Campo associativo da **DESCONFIANÇA**: “*incerteza*”, “*medo*”, “*mentira*”, “*traição*” (Andresen, 2018e, p. 190, grifo nosso);
- II. Campo associativo do **ABANDONO**: “*negação*”, “*solidão*” (Andresen, 2018e, p. 190, grifo nosso);
- III. Campo associativo da **VIOLÊNCIA**: “*ameaça*”, “*covardia*”, “*escravidão*”, “*ira*”, “*mata*”, “*mordaca*”, “*sangue*”, “*vileza*” (Andresen, 2018e, p. 190, grifo nosso); e
- IV. Campo associativo da **CENSURA**: “*coniventes*”, “ *mascarada*”, “*rastro*”, “*silêncio*” (Andresen, 2018e, p. 190, grifo nosso).

Nesse viés, a laboração da rememoração de vivências doridas, partindo da seleção de palavras pontuais, transluz a profundidade e a complexidade do empenho de “*aludir à essência* daquilo que se procura definir” (Hegenberg, 1974, p. 27, grifo nosso), além de revelar “um *Locus horrendus*, que aponta para a Natureza desconfortável” (Souza, 2019, p. 21, grifos do autor). Pertinentemente, é desconstruído “*um imaginário do Portugal verdadeiro, do homem simples, mas feliz*” (Rodrigues, 2012, p. 30, grifo nosso).

Em suma, ao mesmo átimo, interiormente, nesse poema, é transparente a coligação com esta máxima — a qual pode ser veiculada, inclusive, ao *procedimento da escrita*, pelo rigor estético conferido ao texto —, presente na obra *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago (1984, p. 270, grifo nosso): “O *gosto da simetria* [...] corresponde a *uma necessidade vital de equilíbrio, é uma defesa contra a queda*”.

Após a travessia pelo poema *Data*, é considerável a probabilidade deste questionamento ser instaurado: *quem* foi o responsável por condicionar a existência de milhares de moradores à *incessante penúria*? A resposta a essa interrogação é encontrada em *O velho abutre*. Semelhantemente aos outros poemas, este é constituído por estrofe unitária. No abrimento, tem-se um *predicativo do sujeito* acolhido pelo verbo *ser* conjugado na 3ª pessoa do singular (3SG): “*O velho abutre é sábio* e alisa as suas penas” (Andresen, 2018i, p. 194, grifo nosso).

Porém, mesmo com os índices qualificativos, a descrição soa *hermética*, porque se entrevê, com severo distanciamento, a ligação entre o sintagma nominal gerido pelo artigo definido “o” e o *referente no mundo*. Pela palavra, sabe-se, tão somente, que está em curso, pela linguagem conotativa — que “*leva em conta as intervenções subjetivas do falante*” (Baroni; Santos; Souza, 2008, p. 67, grifo nosso) —, uma crítica a uma “*Pessoa cruel*” (Klein, 2015, p. 25).

Em sequência, a resignificação é edificada a partir da cena posterior — como um *puzzle* em que as peças são encaixadas e compreensíveis em decorrência de *amiudados empreendimentos de tentativa e erro* —, momento em que detalhamentos outros são conferidos: “A *podridão* lhe agrada” (Andresen, 2018i, p. 194, grifo nosso).

Como forma de fomentar a adivinhação, pelo síndeto “e” e pelo *enjambement*, solida-se a *curva entoacional* circunscrita à transição entre a segunda metade do penúltimo e o último versos: o *ser* verbaliza “discursos” (Andresen, 2018i, p. 194) que possuem “o *dom* de tornar as *almas mais pequenas*” (Andresen, 2018i, p. 194, grifo nosso).

Dessarte, pelas bem-sucedidas “relações de pressuposição” (Fiorin, 2021, p. 34) — a saber, (i) a visualização do ano em que o item poético perscrutado fora primeiramente apregoadado e (ii) a adequação descritiva endereçada a uma figura pública de reconhecimento generalizado —, são desfeitos os óbices e descortina-se este substantivo próprio: *Antônio de Oliveira Salazar, quem*, de fato, pela doctiloquência, “edificou a sua face pública a partir da *manipulação dos valores e das crenças de todo um povo*” (Menéndez, 2006, não paginado, grifo nosso).

Pela postura incisiva e combativa, ao pontuar as mazelas sofridas em épocas de omissão, projeta-se, sem estorvos, a “visão de mundo de Sophia” (Ferraz, 2018, p. 27), que não exclui o engajamento ao *nós* — isto é, amplifica (e ampara) “a ‘*outredade*’ do ‘*não eu*’” (Freire, 2019, p. 42, grifo nosso) — e à *iluminação dos esquecidos* pelo motivo de que “não permite a passividade do público leitor, todavia exige dele uma reação e uma posição de juízo frente à situação de conflito narrada” (Pinto-Bailey, 2021, p. 15).

Afora, o quarto itinerante literário do mesmo livro sophiano conduz o leitor a uma resplandecência cingida pela natureza [+fúnebre]. Afinal, em “Carta aos amigos mortos”, é possível a reação de surpresa ao “tema da morte, algo um tanto inquietante para uma poética que, aparentemente, celebra o seu oposto, seja a vida, a justiça, a harmonia e, por assim dizer, a perfeição das ‘coisas’” (Menezes, 2019, p. 62). Nos versos, é visível o estado do *mundo em ruína* no qual conflagram-se as dimensões da saudade entre odes, protestos e epifanias.

A respeito da estruturação linguística, nas duas primeiras estrofes, ocorre a ênfase à repetição de expressões referenciais — entre acepções de localidade e de interinidade — pelos advérbios “*agora*” e “*aqui*” (Andresen, 2018c, p. 183, grifo nosso), assim como pelo pronome demonstrativo feminino singular “*esta*” (Andresen, 2018c, p. 183, grifo nosso). Estes tencionam a delimitação da conectividade (ou da separabilidade) entre as *esferas física e metafísica*, intensificando a consternação professada por quem declama o poema, ao passo que as conjugações verbais na segunda pessoa do plural (2PL) restringem os partícipes da situação

comunicativa entre o *eu* e o *vós* (os colegas finados) e valorizam as “*representações dos mundos nos quais o discurso se inscreve e dos quais ele fala*” (Tomazi; Natale, 2012, p. 244, grifo nosso). São instituídos, por isso, pares de oposição — tais como *vida e morte, presença e ausência, alegria e tristeza, som e silêncio, aqui e aí, esperança e descrença*:

Eis que *morrestes* — agora já não bate
 O *vosso* coração cujo bater
 Dava ritmo e esperança ao meu viver
 Agora *estais* perdidos para mim
 — O olhar não atravessa *esta* distância —
 Nem irei procurar-vos pois não sou
 Orpheu tendo escolhido para mim
 Estar presente *aqui* onde estou viva
 (Andresen, 2018c, p. 183, grifo nosso).

Além do mais, nas (entre)linhas, o reconhecimento do fracionamento espacial orquestra uma maneira concreta e factível de lidar com a alternância de realidade — a disjunção do estar sob a companhia das pessoas que eram-lhes queridas. Mesmo lidando com esse martírio, há a demonstração da fé na *continuidade do ser* no *pós-vida* estimada pelo direcionamento destes anseios — que, conjuntamente, são expedidos “nesse caminho” (Andresen, 2018c, p. 183) *desconhecido* em contraste ao “*mundo que respiro e vejo*” (Andresen, 2018c, p. 183, grifo nosso), à significância da [+agradabilidade], já que Portugal é referido como “*país de dor e de incerteza*” (Andresen, 2018c, p. 183, grifo nosso), conectando-se ao traço [+difícil]:

Eu vos desejo a *paz* nesse caminho
 Fora do mundo que respiro e vejo
 Porém aqui eu escolhi viver
 Nada me resta senão olhar de frente
 Neste país de dor e incerteza
 Aqui eu escolhi permanecer
 Onde a visão é dura e mais difícil
 (Andresen, 2018c, p. 183, grifo nosso).

Apesar do *provável aceite*, pontuais constatações parecem indicar, pelo viés do *relatório de diagnóstico*, um desconsolo que “decorre de um *protesto psicológico contra a realidade da perda* e uma *relutância geral* em fazer adaptações para a vida na *ausência da pessoa falecida*” (Delalibera; Coelho; Barbosa, 2011, p. 936, grifo nosso). Para ratificar essa afirmativa, transpõem-se, no texto artístico, expressões detentoras de [+descontentamento] — como os lidos *Nada me resta e Aqui eu escolhi permanecer* (Andresen, 2018c, p. 183, grifo

nosso) — e, outrora, do clamor ao não-esquecimento e à longevidade de um “amor cortado” (Andresen, 2018c, p. 184):

E eu vos peço por este amor cortado
 Que *vos lembreis de mim* lá onde o amor
 Já não pode morrer nem ser quebrado
 Que o vosso coração que já não bate
 (Andresen, 2018c, p. 184, grifo nosso).

Também, a postura protestante e a inércia diante de uma tragicidade são coadunadas na segunda estrofe, instante em que ressoa uma perspectivação amarescente ao viver. Nisso, a cidade, condicionada à inabituação em virtude de recorrentes sucessões de caos, assemelha-se a uma atmosfera distópica, uma vez que avulta-se “um *mundo* ou uma *sociedade não ideal, pior cenário possível*” (Damião, 2022, p. 372, grifo nosso):

Aqui me resta apenas fazer frente
 Ao *rosto sujo de ódio e de injustiça*
 A *lucidez* me serve para ver
 A *cidade a cair muro por muro*
 E as *faces morrerem uma a uma*
 (Andrese, 2018c, p. 183, grifo nosso).

Próximo à finalização da produção, na antepenúltima estrofe, é verificada a personificação adjunta ao *conceito abstrato da “morte”*, capaz de — no contexto, além da agentividade ao ato de *cortar* — *ensinar*, complexamente, “Que o *signal do homem não é uma coluna*” (Andresen, 2018c, p. 184, grifo nosso). Urge outro questionamento, não respondido pelo poema: essa “*coluna*” (Andresen, 2018c, p. 184, grifo nosso) é atinente à ausência de sustentação?

Assim, na última faixa estrófica, exponencialmente, por intermédio da alternância das vozes discursivas — de 2PL (*vós expresso*) para 2SG (*você não expresso*) —, é potencializada, pela imperatividade do verbo *compadecer*, em conjunto com a partícula apassivadora, a “*reincidência de elementos do drama trágico* que corroboram para uma *poética da experiência do sujeito*, em que a *captura do real* consiste na *representação das emoções que o sujeito poético sente diante das cenas (re)construídas literariamente*” (Menezes, 2019, p. 63, grifo nosso): “Se *compadeça* de mim e de meu pranto/Se *compadeça* de mim e de meu canto” (Andresen, 2018c, p. 184, grifo nosso).

Nisso, a *amplificação do diálogo com o vazio* transpôs toda essa arquitetura do discurso à súplica pelo *não-apagamento das lembranças das longínquas* — e, presume-se,

boas — memórias, porque, na sincronia da escrita, o cenário, nada além, é um “*tempo denso de sangue e de saudade*” (Andresen, 2018c, p. 184, grifo nosso).

Em consequência da frequência do elo entre o indivíduo e os lugares limitados por instâncias de conflitos, o coeficiente imagético dos poemas aqui analisados acarreta, como produto, no campo hipotético, o *aspecto intuitivo de constante travessia em cíclicos períodos (e espaços) noturnos* (cf. Santos, 2024).

Nessa lógica, em conformidade com “O jardim e a noite” — componente, no princípio, de *Poesia* (1944), livro de estreia de SMBA —, o fim do caminho é inconclusivo e *eventualmente* inconcebível, declarando, apesar da conjunção entre o *eu* e o *ecossistema*, tão só, o *insucesso*, a *derrota* e as *vicissitudes*, os quais fundem-se à deterioração do *locus horrendus*, em que são encontrados “o jardim solitário e sem lua” (Andresen, 2018h, p. 47), os “frutos ressequidos” (Andresen, 2018h, p. 47), o solo inerte e “os meus sonhos perdidos” (Andresen, 2018h, p. 47):

Atravessei o jardim solitário e sem lua,
Correndo ao vento pelos caminhos fora,
Para *tentar* como outrora
Unir a minha alma à tua,
Ó *grande noite solitária* e sonhadora.

[...]

Mas sob o peso dos narcisos floridos
Calou-se a terra,
E sob o peso dos *frutos ressequidos*
Do presente
Calaram-se os meus sonhos perdidos
(Andresen, 2018h, p. 47, grifo nosso).

Sob tal prospectiva, no poema, executa-se correlação com esta assertiva de Santos (2024, p. 14): “A noite costumeiramente ganha um caráter obscuro e misterioso em oposição à imagem solar positiva, revelando e traduzindo um processo de construção simbólica de afetos como angústia, traumas, medos e outros sentimentos recalçados”.

Retomando as indagações erguidas na finalização do capítulo segundo, o relicário de perspectivação político-filosófica indica-nos um cenário congênere: as elocuições versificadas não constituem enunciados diretivos à glorificação, à exaltação e/ou ao orgulho pátrio, visto que carregam, em si, a dor, “o vazio e o silêncio deixados pela morte” (Ferraz, 2018, p. 19) — seja concreta (como a correspondência endereçada aos entes falecidos), seja simbólica, como expresso pelo sentimento de “*grande êxtase perdido*” (Andresen, 2018h, p. 48, grifo nosso).

Isso representa um alerta, na medida que, pelo panorama de João Vittor Gomes Firmo, na crônica “Em busca da consideração perdida”, “*abandonar-se é um perigo quando não sabemos o caminho da volta: infinita rua sem saída*” (Firmo, 2024, p. 96, grifo nosso).

Pelo contrário, nas entrelinhas, é prevalecido que cada “poema lhes devolve *a perspectiva de fundação de uma vida pacífica e justa*” (Ferraz, 2018, p. 19, grifo nosso), ornando, no âmago, “os traços essenciais do *espírito português do futuro*” (Alves, 1977, p. 37, grifo nosso).

Posto tudo isso, a jornada pelo universo sophiano, através do *corpus* composto por oito poesias que estampam distintivas experimentações, em resumo, pela loquacidade metalinguística explicada pela poetisa em “Arte Poética IV”, patenteia e ensina-nos, didaticamente, a cadência de “Deixar que *o poema se diga por si*, sem intervenção minha (ou sem intervenção que eu veja), como quem segue um ditado (que *ora é mais nítido, ora mais confuso*)” (Andresen, 2018a, p. 368, grifo nosso).

Ante a essa apuração, que traz consigo, no recôndito, a plurissignificação da discursividade, é observado como os vocábulos, em cada verso — e múltiplos destes sendo frequentes em performances linguísticas rotineiras —, são passíveis à constituição de afetividades profunduras, como, a título de conhecimento, a comiseração, a intropatia, a melancolia etc. Não é excluída, considerando isso, a unicidade do estilo sophiano; os leitores, então, compreendem o esquadrinhamento de sua “*maneira de escrever*” (Andresen, 2018a, p. 368, grifo nosso).

4 Ó PÁTRIA *NEM SEMPRE* AMADA E IDOLATRADA: O ENGENDRAMENTO DO CERCEAMENTO DA LIBERDADE DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL

*“Amigos presos
Amigos sumindo assim
Pra nunca mais
Tais recordações
Retratos do mal em si
Melhor é deixar pra trás”*

(Gilberto Gil)¹¹

Guiando a lente analítica ao espectro geográfico não-europeu, os parágrafos posteriores serão reservados à reflexão em torno de uma das dolorosas e sombrias eras da História Brasileira: a implementação da Ditadura Militar. Iniciada em 1964, subsequente a um golpe de Estado (*cf.* Portal da Câmara dos Deputados, [*s.d.*]), e cessada em 1985, o país enfrentou uma passagem longa e oblíqua, entre fatores outros, pela intolerância à diversidade ideológica, pelo cerceamento da liberdade de expressão, pela perseguição aos cidadãos discordantes das imposições do Regime, pela limitação da plena atuação de instituições (como o Congresso Nacional e o Poder Judiciário) e pela supressão de direitos fundamentais (*cf.* Brasil, 1968).

À vista disso, as provisões eram listadas e oficializadas mediante Ato Institucional (AI) — o qual, de acordo com o estudo de Bechara e Rodrigues (2015, p. 592, grifo nosso), “caracterizou-se pelo *uso do aparato legal como forma de sustentação e legitimação* perante a população civil”. Sob o enquadramento quantitativo, foram dezessete (17) AIs publicados entre 1964 e 1969 (*cf.* Portal da Legislação, [*s.d.*]).

Vale sublinhar que, na abertura e no desenvolvimento do AI-1 — promulgado em 9 de abril de 1964, oito dias após a interrupção do mandato do, até então, Presidente João Goulart —, são evocados vocábulos de cunho [+ufanista], tais como “a revolução vitoriosa” (Brasil, 1964, não paginado) e “povo brasileiro” (Brasil, 1964, não paginado), os quais buscam

¹¹ Fragmentos da canção “Não Chore Mais (No Woman, No Cry)”, composta por Vincent Ford e Gilberto Gil, interpretada por Gilberto Gil, presente no álbum *Realce* (1979). Trata-se de uma adaptação, à língua portuguesa, da canção “No Woman, No Cry”, composta pelo supramencionado Vincent Ford e interpretada, em parceria, por Bob Marley e por The Wailers no álbum *Natty Dread* (1974). Disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=Ws6qN3zgPAg>. Acesso em: 9 dez. 2024.

aformosear e eufemizar todo o discurso que, desmistificada a *ironia estrutural*, tanto se distancia do intuito de “enfrentar [...] os graves e urgentes problemas de que depende a *restauração da ordem interna e do prestígio internacional da nossa Pátria*” (Brasil, 1964, não paginado, grifo nosso).

Aliás, são estremados, rigorosamente, “o interesse e a vontade da Nação” (Brasil, 1964, não paginado): pugnar a gestão “que deliberadamente se dispunha a *bolchevizar* o País” (Brasil, 1964, não paginado, grifo nosso) e “drenar o *bolsão comunista*, cuja prulência já se havia infiltrado não só na cúpula do governo como nas suas dependências administrativas” (Brasil, 1964, não paginado, grifo nosso).

Seguidamente à leitura dos excertos frisados, tornam-se reconhecíveis a *gênese da desconfiança* e o tratamento remetente àqueles que eram considerados “inimigos internos” (Crestani, 2011, p. 2): estes, decodificando as entrelinhas ultranacionalistas, “deveriam ser cuidadosamente controlados, perseguidos e eliminados de nosso país” (Crestani, 2011, p. 2).

Isocronicamente, no Artigo 10, é implantada a tomada de decisão quanto à extensão da longevidade do *congelamento da plenitude da cidadania*:

No interesse de paz e da honra nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, os Comandantes-em-Chefe, que editam o presente Ato, poderão *suspender os direitos políticos pelo prazo de dez (10) anos* e cassar mandatos legislativos federais, estaduais e municipais, *excluída a apreciação judicial desses atos* (Brasil, 1964, não paginado, grifo nosso).

Neste periódico decurso de atualizações prescritivas, houve, no AI-4, menção à premência de “que *somente uma nova Constituição* poderá assegurar a *continuidade da obra revolucionária*” (Brasil, 1966, não paginado, grifo nosso). Entretanto, em meio à série de postulações, o Ato Institucional mais conhecido foi o quinto (AI-5), pois, enfática e transversalmente, os *ideários da repressão* estavam outorgados sem metaforização. Antes da redação enumerativa, o parágrafo resumitivo comunicou que a documentação viria a “suspender os direitos políticos de *quaisquer cidadãos* pelo prazo de 10 anos e *cassar mandatos eletivos* federais, estaduais e municipais” (Brasil, 1968, não paginado, grifo nosso).

Nos tópicos pospositivos, ao restringir a pacificidade aos concordantes da chamada “Revolução Brasileira de 31 de março de 1964” (Brasil, 1968, não paginado), é promovido — agora, em indubitável brutalidade — o “*combate à subversão e às ideologias contrárias às tradições de nosso povo*” (Brasil, 1968, não paginado, grifo nosso), indicando que “o processo revolucionário em desenvolvimento não pode ser detido” (Brasil, 1968, não paginado).

Em convenção às premissas predecessoras, a temática da colisão à insubordinação esteve presente; a sua abrangência, não. O Regime emoldura, como atitudes de tangenciamento às expectativas sociopolíticas, os atos “oriundos dos mais distintos setores políticos e culturais” (Brasil, 1968, não paginado) que fossem “*contrários aos ideais e à consolidação do Movimento de março de 1964*” (Brasil, 1968, não paginado, grifo nosso).

Nesse ínterim, a reprimenda contorna as alçadas intelectual, cultural e artística. Pontuando o trabalho de Reimão (2014), no domínio literário, obras em verso e em prosa foram confiscadas e retiradas de circulação por ordem de repartições governamentais cujos objetivos eram coibir o pensamento crítico e regularizar o mantimento da moral. À luz da pesquisa supramencionada, autores como Aguinaldo Silva, Caio Prado Jr., Marcelo Rubens Paiva e Rubem Fonseca, a título de ilustração, foram, entre tantos artistas da palavra, diametralmente afetados.

É de inestimável importância pontilhar que, na música, foi símile a conjuntura. Em entrevista ao programa “Vox Populi” (*cf.* TV Cultura, 2022), no ano de 1978, a cantora Elis Regina, em tom de lamento, verbalizou a assolação ocasionada pela *comparência inexistente*: nomes como Chico Buarque e Gilberto Gil foram ditos a fim de externar a constância da imperatividade do exílio. Reportando a Marcelo Santos (2014, não paginado, grifo nosso), constata-se que “a configuração política do regime não permitiu as condições para tornar exequível a proposta de *preservação do patrimônio cultural brasileiro*”.

Em contiguidade, o *apetrecho repressivo* figurativo ao líder da nação garantiu-lhe absoluta dominância ao território pátrio, como — retomando debates planejados em alíneas prévias — a possibilidade de interrupção do efetivo ofício “do Congresso Nacional, das Assembléias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, por Ato Complementar [...], só voltando os mesmos a funcionar quando convocados pelo Presidente da República” (Brasil, 1968, não paginado), além da interferência irrestrita aos estados da União, destituindo-lhes a autonomia, conforme, respectivamente, os informes contidos nos Artigos 2º e 3º (Brasil, 1968, não paginado).

Ainda, a *cobertura das impossibilidades* perfez, no quinto dispositivo, estes horizontes:

- I - cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função;
- II - *suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais*;
- III - *proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política*;
- IV - aplicação, quando necessária, das seguintes *medidas de segurança*:
 - a) *liberdade vigiada*;
 - b) *proibição de freqüentar determinados lugares*;

c) *domicílio determinado* (Brasil, 1968, não paginado, grifo nosso).

Em complementaridade, o AI-6, proclamado no dia 1º de fevereiro de 1969, reiterou que a instância governamental possui, “por *conveniência da própria Justiça*, a necessidade de *modificar a composição e de alterar a competência do Supremo Tribunal Federal*, visando a fortalecer sua posição de Corte [...] e [...] *facilitar o exercício de suas atribuições*” (Brasil, 1969, não paginado).

Nisso, do mesmo modo que o AI anterior, a soberania presidencial permanece estável: “Excluem-se de qualquer apreciação judicial todos os atos praticados de acordo com este Ato Institucional e seus Atos Complementares, bem como os respectivos efeitos” (Brasil, 1969, não paginado).

Em contrapartida, avançando na cronologia, em meados de 1979, sob expressões — por parte da força opositora — de insatisfação, de descontentamento e produção de sons de reprovação — popularmente conhecidos como *vaias* —, ao longo do plenário do Congresso Nacional, foi aprovada a Lei da Anistia (*cf.* Lei nº 6.683/1979; Senado Federal, 2019).

Segundo Glenda Mezarobba, em comunicação dirigida ao veículo educacional “Casa do Saber”, em 2019¹², esse aparato constitucional é fruto de uma “conciliação pragmática” (não paginado) por ação de compatibilidade aos “termos que a ditadura queria e [porque] assegura impunidade pros seus agentes” (Mezarobba, 2019, não paginado, acréscimo meu). Concomitantemente, à ótica da pesquisadora, o estatuto operacionalizou “um esforço, na verdade, de silenciamento” (Mezarobba, 2019, não paginado).

Abrindo um parêntese, o rememorar traduz os retornos em redor do questionamento atinente ao “por que isto jamais deve ocorrer novamente?”. Para tanto, estudos teóricos e materiais audiovisuais são, constantemente, produzidos, havendo, em múltiplos destes, a presença de relatos de sobreviventes do *período do terror*, quem expressam, à sociedade civil, a profundidade dos efeitos colaterais ocasionados pelo regime de exceção.

Aqui, é distinguido o documentário formulado pela TV Unicamp em 2024. Intitulado “Sequestrados políticos falam sobre torturas sofridas no DOI-Codi”¹³, a emotividade, aliada à enumeração de cada dolorosa vivência, divide o instante narrativo com os entrevistados e com as *pausas de recomposição*, indicando, ao público, como *o passado perdura como um constante presente*. Consoante as palavras de Emílio Ivo Ulrich (2024, não paginado, grifo nosso): “E as sequelas, na verdade, físicas, [...] foram, de certa forma, tratadas, mas as

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g9XPzZ7rYEQ>. Acesso em: 9 dez. 2024.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WNOq9AQLITo>. Acesso em: 9 dez. 2024.

sequelas psicológicas [...] permanecem até hoje. Por isso que eu digo que *tortura não tem fim*”.

Retomando a Lei nº 6.683/1979, a cientista política, englobando, na explicação, a atipicidade do instante do aceite da regulamentação, acrescenta: “Por outro lado, se permite a volta dos exilados, se libertam os presos políticos e se retoma, em alguma medida, [...] esse fazer democrático” (Mezarobba, 2019, não paginado). Torna-se importante acentuar que, com a progressividade dos fatos históricos, no início do século XXI, após revisões, parágrafo e determinados artigos da referida Lei da Anistia foram revogados (*cf.* Lei nº 10.559/2002).

Em síntese, ulteriormente à discussão no que diz respeito às décadas nas quais foi orquestrada “uma espécie de *industrialização do pavor*” (Gaspari, 2002, não paginado, grifo nosso), houve a preconização da perseguição às pessoas que se manifestaram contra a *tentativa de homogeneização do pensamento*. Por anos, o encarceramento, o sequestro, a tortura, o desaparecimento e a expatriação eram práticas militares direcionadas aos civis, enxertando intermitentes camadas de amedrontamento.

Interroga-se: poderia ser a Pátria, a cada instante, por todos os residentes, considerada “amada”, “adorada” e “Idolatrada”, à ótica de Joaquim Osório Duque Estrada (*[s.d.]*, não paginado), no *Hino Nacional*? Como resposta, indica-se, sutil e fugazmente: *nem sempre*.

5 A POÉTICA CAIOFERNANDIANA: LINGUAGEM ENTRE METAMORFOSES, CATARSES, DESPONTUALIDADES E ASPEREZAS

“Nessa estrada cariada
Só você é o meio-fio de luz
Contra-mão sinalizada
No mapa do meu nada”

(Cássia Eller e Jussara Silveira)¹⁴

Em prelúdio, de modo sumário, devido à recorrência da expressividade da 1ª pessoa do singular (o suprarreferido *eu*) em profusa quantidade de textos lançados em diferentes espaçamentos temporais, é cabível a assertiva em torno de que as escrituras de Caio Fernando Abreu são detentoras do aspecto [+subjatividade]. Este, em momentos precisos, motivado pelo entrelaçamento das vozes das personagens e da própria persona (*cf.* Piva, 2001), revelam ora o inconformismo com o derredor, ora o traço distintivo da perspectivação em que os índices essenciais à humanidade são profundamente reduzidos, condicionando aquele quem (ou sobre quem se) fala ao *existir por existir*.

Com o propósito de ratificar a consideração acima, salienta-se uma carta expedida pelo artista gaúcho aos seus progenitores, datada de 12 de agosto de 1987, a partir da qual o espectro [+franqueza] é categórico, imediatamente, depois da dedicatória, em que se afirma a certeza da limitação do saber: “não sei mais conviver com as pessoas” (Abreu, 2014, p. 260).

Fundamentado nessa orientação, a cardinalidade metamórfica da poética caiofernandiana poderia residir no teor e na cisão metalinguísticos adjuntos ao ato de escrever — presumivelmente, em razão da viabilidade de performatividade —, pois “tenho pensado que, mais do que qualquer coisa, sou um escritor. Uma pessoa que *escreve* sobre a vida [...] mas não consegue vivê-la” (Abreu, 2014, p. 260, grifo do autor).

Em prosseguimento, no interior do discurso da missiva, torna-se factível — quando é lida a constatação inconclusiva “*Acho que é o destino dos escritores*” (Abreu, 2014, p. 260, grifo nosso) — a identificação do estabelecimento de um enigma: de que modo a *constância de aspectos faltantes* — como o sujeito em disjunção aos sonhos e às expectativas de horizontes prósperos ao futuro — é materializada, inicializada e contextualizada?

¹⁴ Trechos da canção “Mapa do Meu Nada”, composta por Antonio Carlos Santos de Freitas — nome artístico: Carlinhos Brown — e interpretada por Cássia Eller e Jussara Silveira no álbum *Com Você... Meu Mundo Ficaria Completo* (1999). Disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=s3gQjgyx9iU>. Acesso em: 9 dez. 2024.

Defronte à incumbência de busca(s) por “respostas” (ou *caminhos não-emaranhados*), é recebido, quanto à abrangência do antevisto lexema *destino*, semelhantemente a uma bússola, como (breve) auxílio, este direcionamento, pela descrição de João Doederlein (2017b, p. 195, grifo nosso), quem anuncia que essa instância, revestida por uma mística aura, “é a *localidade final* de uma *viagem* (física ou emocional)”.

Apesar da resplandecência abstrusa, o levantamento das unidades de questionamentos e de hipóteses simboliza a antecedência do contato aos enredos frequentemente ásperos de *Morangos mofados*, publicado, originalmente, em 1982. Desse modo, ante a abrangência analítica presente na obra, cujos dezoito contos estão estrategicamente agrupados em três seções — “O mofo”, “Os morangos” e a titulação homônima —, como *corpora*, foram selecionadas, por corresponderem aos objetivos delineados neste trabalho, três escrituras: “Diálogo”, “Os sobreviventes” — pertencentes à primeira segmentação — e “Transformações”, localizada na região medial.

Acerca dos materiais designados, a atenção será dirigida, mormente, à maneira por meio da qual o contista “imprime aos seus textos um tom notadamente pessoal e uma análise profunda da alma humana” (Menezes, 2011, p. 30), assim como às tensões e às pluralidades interpretativas ocasionadas pelos impasses conexos às (faltas de) tomadas de decisão dos indivíduos partícipes das histórias.

Portanto, todos esses aspectos são instâncias que distanciam o leitor da possibilidade de delimitação de encaixamentos das palavras do autor em não mais que um engessado ponto de vista.

Em congruência com a pesquisa “Errâncias, biografemas, *mise-em-scène*: marcas do Decadentismo em cartas de Florbela Espanca e Caio Fernando Abreu”, de Rodrigo da Costa Araujo (2008), cogita-se o mistério componente dos afetamentos proporcionados pelo exercício da interpretação. Haja vista que cada texto dialoga com aquele quem o lê de formas distintas, essa experiência é jamais igual àquela vivenciada por outrem, uma vez que: “*O deciframento é sempre uma escolha*. A cada fruidor as cartas e um possível retrato apresentam-se diferente de si mesmos, ao mesmo tempo completos e incompletos” (Araujo 2008, não paginado, grifo nosso).

Posto isso, é elementar a alusão à historicidade circunscrita à estreia de um dos títulos mais exponenciais do repertório de Caio F. (*cf.* Memórias da Ditadura, [s.d.]): no começo da octagésima década do último século, consoante Schneider Carpeggiani ([s.d.], não paginado), “o Brasil vivia a ressaca da ditadura no limiar da democracia”. Distante, ainda, do prisma redemocrático, dado que este seria uma realidade presente apenas em 1985, há, no âmago

conceitual dos discursos sequencializados em distintas escalas de emotividade, referências nem sempre tão sutis às dificuldades de locomoção, de conversação e de (sobre)vida restritas à época em que os direitos fundamentais não eram prezados.

Pelo dimensionamento introdutório, ao descortinar os vocábulos a fim de desbravar o espetáculo em prosa, situa-se o texto “Diálogos”. Nessa ambientação de estreia do livro, é transparecido “um inventário do que foi pensado sem ser explicitamente escrito ou do que foi escrito de ‘outra’ forma, tangencialmente” (Carpeggiani, [s.d.], não paginado).

Nesse momento, entrecruzam-se desconfianças na interpessoalidade arquitetada em um local inominável, preenchido por indivíduos sem características distintivas, apenas apontados como “A” e “B”. Embora, na ordenação do alfabeto latino, essas duas letras sejam adjacentes uma à outra, as conversas dos indivíduos não prosseguem entre si, mas sim asseveram, a cada retomada, a ciclicidade da discordância.

Em caráter somativo, essa problemática é instaurada prontamente à recepção da afirmativa “Você é meu companheiro” (Abreu, 2015a, p. 25), a qual é rebatida por um questionamento concretizador das falhas de comunicação — o “Hein?” (Abreu, 2015a, p. 25), que dividirá o *locus* da ausência de confiança com uma expressão outra: “O quê?” (Abreu, 2015a, p. 25). Esses ruídos estão coligados às eventuais repetições, por parte de B, das orações desenvolvidas por A, contudo em tom de pergunta. A falta de entendimento mútuo, logo, moverá cada construção discursiva à iminência da loucura, verbalizada pela súplica “Não me confunda, por favor, não me confunda” (Abreu, 2015a, p. 26).

Transportando a argumentação aos desdobramentos quantitativos, são expressivas a repetição do sintagma nominal “alguma coisa” (Abreu, 2015a, p. 25) e a disparidade entre dois pólos semanticamente opostos entre si: figuram-se, na totalidade das páginas, 22 (vinte e duas) concretudes do advérbio “não”, em contraste com apenas 3 (três) registros de “sim”.

Isso precisa o jogo pendular entre a designação e a aparente “gerência” da natureza dos acontecimentos frequentes aos círculos sociais — potencialmente em comum (ou não) — aos quais os partícipes, na esfera hipotética, poderiam estar inclusos. Ou seja, a significância do termo “companheiro” projeta uma dubiedade:

- I. Na leitura primária, valorizando a conformação [+afetiva] e a alienação à interface com o período político atinente à geografia brasileira da época, é cabível a concepção em torno da natureza [-inconcussa] à edificação de um relacionamento amoroso, porque, na passagem superior à dúvida externada por A — “Você não quer que seja isso assim?” (Abreu, 2015a, p. 26) — B,

friamente, respondeu-lhe: “Não é que eu não queira: *é que não é*” (Abreu, 2015a, p. 26, grifo nosso).

- II. Não obstante, aproximando o ofício analítico à variável excluída no item pregresso, a inexistência de idoneidade justifica-se pelo estorvo em reconhecer “quem está ao nosso lado nas trincheiras” (Carpeggiani, [s.d.], não paginado). Em referimento ao capítulo predecessor, nos longínquos instantes da Ditadura Militar, imperava “a obsessão pela vigilância como forma de prevenir a atuação ‘subversiva’” (Crestani, 2011, p. 13). Isso é ilustrado nesta passagem: “Tem *alguma coisa* atrás, você não vê?” (Abreu, 2015a, p. 26, grifo nosso). Por meio dessa constatação, o desreconhecimento de vínculos ideológicos em afinidade poderia simbolizar, pela agrura das expressões utilizadas, uma medida protetiva ao viver de ambos. É válido (re)lembrar que, à época, houve o controle “da política, das agências de informação e espionagem, de censores nas diversas linguagens artísticas e no jornalismo para coibir a circulação de ideias e valores que pudessem desafiar a ordem política” (Quinalha, 2024, não paginado) corrente, bem como a opressão direcionada à comunidade LGBTQIAPN+.
- Caso fossem considerados opositores do governo, poderiam experienciar a tragicidade que demarcaria o ceifamento de suas existências.

Em compensação, é implementada uma reviravolta no “final” da narrativa: o personagem A, quem externava convicção aos enunciados proferidos, após os embates retóricos assentados, sofre os efeitos do afetamento do amálgama de incertezas: quando B, por fim, afirma “Você é meu companheiro” (Abreu, 2015a, p. 27), aquele é quem questiona: “Hein?” (Abreu, 2019a, p. 27). Reinicia-se todo o vaivém, transparentemente indicado, em parênteses, pela expressão “(*ad infinitum*)” (Abreu, 2015a, p. 27, grifos do autor).

Então, é cognoscível o não-entendimento entre eles, o que reveste de concreticidade esta citação, proveniente de Lúcio Martínez Simões (2024, informação verbal, grifo nosso)¹⁵:

¹⁵ Frase proferida por Lúcio Martínez Simões, no dia 26 de novembro de 2024, no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FCC/UFRJ), durante a comunicação oral intitulada “PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO ‘A TEORIA DO INIMIGO’”, constituinte da programação da 13ª Semana de Integração Acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SIAC/UFRJ). A autoria desta pesquisa pertence a estes integrantes: Erika Neves Lima de Souza, Gabriela Lirio Gurgel Monteiro e o referido Lúcio Martínez Simões.

“Os *diálogos* são *disputas por espaço*”. Como efeito, neste ajustamento labiríntico, é reconhecível, também, a fundura irreparável do afastamento físico e idealista arquitetado.

Por fim, “Diante da véspera”, produção artística de João Vittor Gomes Firmo, poderia ser concebida como a peça essencial deste quebra-cabeça interpretativo, pois informa-nos que “a *tenuidade dos distanciamentos* reside nos mais simples acontecimentos” (Firmo, 2024, p. 28, grifo nosso).

Nesse instante, movendo a argumentação ao segundo itinerário, localiza-se “Os sobreviventes”, representativo, na estrutura narrativa do livro, de uma sequência ao título anteriormente trabalhado. Pela intervenção linguística, deparamo-nos com obstruções não-referenciais: os pronomes *ela, ele, você* e *nós* (Abreu, 2015d, p. 29, grifo nosso). Retomando as propostas analíticas de Maria Eugenia Duarte (2024, p. 196), apesar do rótulo “Expresso”, as formas pronominais têm “Referência Indefinida”, porquanto não é possível saber *quem* são as pessoas que e/ou de quem (se) falam.

De forma auxiliar, como retomada e complemento aos apontamentos projetados, menciona-se a pesquisa de Mairim Linck Piva. Denominada “Múltiplas vozes sobre uma voz múltipla: Caio Fernando Abreu”, é amplamente frisada “a centralização no âmbito interno das figuras humanas, destacando ainda [...] a criação de *personagens anônimas, esvaziadas de identidade*, em um universo existencial marcado pela *estreiteza e fragmentação*” (Piva, 2001, p. 226, grifo nosso). Essa análise estabelece conformidade com uma das certificações incluídas no livro “Brasil à vista”, do crítico literário Eduardo Portella (1985, p. 66), pois, nas prosas caiofernandianas priorizadas, os grupos minoritários “não têm nomes, mas pseudônimos”.

Na narração em relevo, dois ex-amantes — que vivenciaram, no passado não muito remoto, um relacionamento marcado por viagens, aprazíveis lembranças, êxito acadêmico, “tantos filmes vistos juntos, tantos pontos de vista sociopolíticos existenciais e bababá em comum” (Abreu, 2015d, p. 30) —, conversam, em tom lamurioso, no que tange ao transcurso da vida, abrangendo as decepções decorrentes de sucessivas quebras de expectativa.

Por conseguinte, no tempo pretérito, pela materialidade, foram efetivadas excursões internacionais, que consistiram, na escala de gradatividade, em compras de “livrinhos de Marx, depois Marcuse, depois Reich, depois Castañeda, depois Laing” (Abreu, 2015d, p. 32) e, posteriormente, de “bolsas na Sorbonne, chás com Simone e Jean-Paul nos 50 em Paris, 60 em Londres ouvindo *here comes the sun, here comes the sun little darling*, 70 em Nova York dançando *disco music* no Studio 54” (Abreu, 2015d, p. 32, grifos do autor).

No entanto, o heroísmo supostamente longo reverte-se em uma instância amórfica e acrimoniosa quando em “80 a gente [está] aqui mastigando esta coisa porca sem conseguir engolir nem cuspir fora nem esquecer esse azedo na boca” (Abreu, 2015d, p. 32, acréscimo meu). Ligando os pontos, está sendo vozeada a revolta atinente à inércia com a qual ambos têm de lidar sem previsão de cessamento em uma (in)direta reportagem ao cenário ditatorial.

Prevalece-se, nas ondas de reclamações, o ressentimento suscitado, principalmente, pela frustração de se ter lutado, à ótica da personagem feminina, embalde: “Cultura demais mata o corpo da gente, cara, filmes demais, livros demais, palavras demais” (Abreu, 2015d, p. 30) porque “perdi minha alegria, anoiteci, roubaram minha esperança” (Abreu, 2015d, p. 33). Em adição, a perda derivada do choque de realidade(s) foi devastadora: “sobrou só esse nó no peito, agora faço o quê?” (Abreu, 2015d, p. 32).

A iminência do desnorreamento alcança o ápice no período em que o anseio pelo viver está quase inexistente: a maquinação do eu — isto é, na ocasião na qual a autonomia da subsistência é, tão somente, modificada pelo empréstimo da mão de obra ao cumprimento de determinada(s) escala(s) de trabalho — divide o espaço com “mais outra semana de batalhas inúteis, fantasias escapistas [...] e crediários atrasados” (Abreu, 2015d, p. 30). Tudo isso desenrola-se em meio a uma rotina de “oito horas diárias para aquela multinacional” (Abreu, 2015d, p. 34) que não fornece, a uma das figuras centrais da história, qualidade de vida.

De forma análoga, a morbidez está condensada neste excerto em que é reconhecida a queda, a causa inaugural do retrocesso, da modificação de cenários esplendorosos em nada vitoriosos, concorrentemente à pontualidade das alteridades com o outro: “você não tem culpa, coração, *caímos exatamente na mesma ratoeira, a única diferença é que você pensa que pode escapar, e eu quero chafurdar na dor*” (Abreu, 2015d, p. 34, grifo nosso).

Equidistantemente, nesse texto, Caio Fernando tematiza as vivências não-heteronormativas da sexualidade. Isso posto, as disparidades entre um falante e outro são tematizadas, diretamente, pela perspectivação amorosa: “meu bem, o que acontece é que como bons-intelectuais-pequeno-burgueses *o teu negócio é homem e o meu é mulher*” (Abreu, 2015d, p. 31, grifo nosso).

Sob outro enfoque, a personalidade feminina construiu o seguinte aforismo: “não tenho nada contra decadentes em geral, não tenho nada contra qualquer coisa que soe a: uma tentativa” (Abreu, 2015d, p. 31). É necessário apontar como o acúmulo de descontentamentos promoveu a ela um desenrolar de casos [-positivos], como a coisificação e a ausência de bem-estar, em uma sùmula entre o surrealismo e o horror, indicando, apesar de tudo, um ameno recomeço: “As pessoas se transformavam em cadáveres decompostos à minha frente,

minha pele era triste e suja, as noites não terminavam nunca, [...] mas eu reagi, despirei, voltei a isso que dizem que é o normal” (Abreu, 2015d, p. 33).

Em harmonia com os dados apresentados, próximo à conclusão, a personagem ergue uma autorreflexão no formato de um rápido monólogo através do qual é discernível o impacto daquelas fontes de estresse à saúde física: “eu não tinha estas marcas em volta dos olhos, eu não tinha estes vincos em torno da boca, eu não tinha este jeito” (Abreu, 2015d, p. 35). A pessoa sem nome, por sua vez, proclama: “mas não se preocupe, não vou tomar nenhuma medida drástica, a não ser continuar, *tem coisa mais autodestrutiva do que insistir sem fé nenhuma?*” (Abreu, 2015d, p. 34, grifo nosso).

Em período outro, em correspondência ao desabafo, é espelhada, por uma das personagens, metaforicamente, a aura catártica da escrita de CFA:

Eu peço um cigarro e ela me atira o maço na cara como quem joga um tijolo, ando angustiada demais, meu amigo, palavrinha antiga essa, a velha *angst*, saco, mas ando, ando, mais de duas décadas de convívio cotidiano, tenho uma coisa apertada aqui no meu peito, um sufoco, uma sede, um peso, ah não me venha com essas histórias de atraiçamos-todos-os-nossos-ideais, eu nunca tive [...] ideal nenhum, eu só queria era salvar a minha, veja só que coisa mais individualista elitista capitalista, eu só queria era ser feliz, cara, [...] completamente feliz (Abreu, 2015d, p. 31-32, grifos do autor).

De resto, há outro indivíduo que coopera à progressividade da escritura: o ex-companheiro, que, descrito como “solitário & positivo” (Abreu, 2015d, p. 33), orchestra a escuta ativa quanto às queixas levantadas pela ex-companheira, dizendo-lhe palavras de conforto quando, a título de exemplificação, a crise de imagem, à cidadã, ocorre: “e eu repito que não, que nada, que ela está linda assim, desgrenhada e viva” (Abreu, 2015d, p. 35).

Dito isso, por serem duas vozes coabitando a condução da narrativa, em um ponto, prevaleceu o discurso indireto livre, concretizado neste fragmento, que contém passagens constatadas com antecedência:

Mas tentamos tudo, eu digo, e ela diz que sim, claaaaaaaro, tentamos tudo, [...] porque tantos livros emprestados, tantos filmes vistos juntos, tantos pontos de vista sociopolíticos existenciais e bababá em comum só podiam era dar mesmo nisso [...]. *Realmente tentamos, mas foi uma bosta* (Abreu, 2015d, p. 30, grifo nosso).

No que se refere à localidade geográfica, é meritória a atenção à especificidade cingida a um país que, em disparidade à indeterminada ambientação opressiva na qual vivem os dois sujeitos, simbolizaria exílio — é válido destacar que, ao longo da interpretação, sucedeu-se o relembramento da circunstância de que CFA, durante anos da era ditatorial, em

degrede, residiu na Europa (*cf.* Salvá; Diedrich, 2020) —, acolhimento, serenidade: Sri Lanka. Lá, diferentemente do “aqui”, seriam encontradas a felicidade e a razão para continuar sonhando. Enquanto a trabalhadora conclama a estadia na terra natal, despede-se de quem, na contemporaneidade daquela interação, é um grande amigo, e enfatiza que, para ela, chegou o fim da linha, externando um conformismo vazio. Todavia, para o outro, existem votos de prosperidade e a viabilidade de reescrever, de fixar a não-fatalidade “do desfecho da solidão” (Cayann; Alós, 2018, p. 306):

[...] não se esqueça então de me mandar aquele cartão de Sri Lanka, aquele rio lodoso, aquela tez azeitonada, que aconteça alguma coisa bem bonita com você, ela diz, *te desejo uma fé enorme*, em qualquer coisa, não importa o quê, *como aquela fé que a gente teve um dia*, me deseja também uma coisa bem bonita, *uma coisa qualquer maravilhosa, que me faça acreditar em tudo de novo, que nos faça acreditar em tudo outra vez, que leve para longe da minha boca este gosto podre do fracasso, este travo de derrota sem nobreza [...]* (Abreu, 2015d, p. 35-36, grifo nosso).

No momento da despedida, cada um segue em direções antagônicas: ela, ao interior do próprio apartamento; ele, para a rua. A esperança que paira nas entrelinhas é o anseio de que nenhum dos dois seja acometido pelo “definhar em pensamentos mortos” (Doederlein, 2017a, p. 137). Entretanto, um questionamento não é respondido, e a dúvida paira sobre a leitura, convidando-nos a refletir, de forma abrangente, quanto à hombridade da perseverança: “deve haver alguma espécie de dignidade nisso tudo, a questão é onde, não nesta cidade escura, não neste planeta podre e pobre, dentro de mim?” (Abreu, 2015d, p. 33).

Uma inédita fronteira surge: o terceiro ato — ou, para os confins deste trabalho, o *grand finale*: “Transformações”, faixa de abertura da seção “Os morangos”. Pelo enquadramento organizacional, os fatos são-nos apresentados por um narrador onisciente, responsável por aproximar o leitor ao sedimento complexo e macrobiótico de outro personagem desconhecido.

De antemão, é válido este *disclaimer*: por vezes, as despontualizações (travessões, aspas, ponto-e-vírgula inexistentes) se assemelham, alegoricamente, às pedras nos sapatos: durante uma caminhada, é possível com elas conviver, porém é sabido que limitam a totalidade da andança. Pelo revestimento turvo do ofício, alcançar a linha de chegada (a destinação final) é uma atividade demorada. Durante o folheamento, pelas possíveis ambiguidades surgidas, um exercício semelhante é manifesto: a constante retomada aos parágrafos para a (tentativa de) compreensão global dos signos codificados.

No primeiro parágrafo desse texto literário, é edificada a enumeração da visão acinzentada de um ser humano que, por externar “desinteresse, falta de motivação e apatia” (Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, [s.d.], não paginado), pelo viés do relatório de diagnóstico, aproxima-se de um possível quadro clínico depressivo, porque:

Feito febre, baixava às vezes nele aquela *sensação de que nada daria jamais certo, que todos os esforços seriam para sempre inúteis, e coisa nenhuma de alguma forma se modificaria*. Mais que sensação, densa certeza viscosa impedindo qualquer movimento em direção à luz. E além da certeza, *a premonição de um futuro onde não haveria o menor esboço de uma espécie qualquer não sabia se de esperança, fé, alegria, mas certamente qualquer coisa assim* (Abreu, 2015c, p. 103, grifo nosso).

Entrementes, acompanha-se, de forma direta, a trajetória do personagem sem nome que é sobreposto pela anunciada “demissão do sujeito” (Neto, 2023, informação verbal)¹⁶, a qual, aqui, diferentemente daquele, é cognominada de “A Grande Falta” (Abreu, 2015c, p. 103). Sua natureza é “translúcida e gelada” (Abreu, 2015c, p. 104) e, entre as suas atribuições, destacam-se as habilidades de transfigurar-se, com total exatidão, em seu hospedeiro, assim como opacificar os pensamentos, a coordenação motora, o deslocamento físico e o sentido de existir daquele a quem dirige o atordoamento, privando-lhe do sono e do convívio com as pessoas (mais) próximas. Operacionaliza-se, assim, o pesadelo em vigília, intensificando as instabilidades emocionais experienciadas pelo indivíduo anônimo.

Acerca dessa lógica, a incidência metamórfica é vastamente concretizada pela divergência entre o ego e o alter ego — dissidências que confluem na consumação de uma identidade forjada, porque a criatura “encadernava-o meticulosa em um determinado corpo e uma voz particular e uns gestos habituais e alguns trejeitos pessoais que, *aparentemente, eram ele mesmo*” (Abreu, 2015c, p. 105, grifo nosso). A assombrosa exatidão da reprodução não gerava margem de erros por obra da impossibilidade de detecção de improbidade quando estava-se “aumentando as pausas entre as palavras, demorando o olhar, ralentando o passo daquele *falso corpo*” (Abreu, 2015c, p. 105, grifo nosso).

Conquanto, surpreendentemente, a resignação daquele que padece das desventuras engenha um paradoxo, pois o indivíduo, a despeito de copiosas peripécias, “era completo nesse *estado de carência plena*” (Abreu, 2015c, p. 105, grifo nosso). No tempo em que via-se afastado das nebulosidades trazidas pela inconstância indecifrável, “em vez de sorrir ou fazer

¹⁶ Consoante o detalhamento contido nos parágrafos iniciais desta monografia, o termo trata-se de uma conceituação postulada pelo Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto, docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FL/UFRJ) e imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), no 1º e no 2º semestres de 2023, durante, respectivamente, as preleções das disciplinas “Ficção Brasileira I” e “Ficção Brasileira II”.

coisas, frequentemente *limitava-se a chorar penoso como se apenas a dor fosse capaz de devolvê-lo ao estágio anterior*” (Abreu, 2015c, p. 105-106, grifo nosso).

Em seguimento, a excentricidade dos ordenamentos episódicos é a porta de entrada à materialização do surrealismo como derradeiro escapismo da alma, dado que o devaneio, pelas configurações frásicas, ajustaria um descanso, uma tentativa de atenuamento do(s) tormento(s). Apesar disso, é a partir da atmosfera onírica que a oscilação do desassossego é executada: “Exausto, então, afogava-se num sono por vezes sem sonhos, por vezes [...] povoado com répteis frios, a tentar enlaçá-lo com tentáculos pegajosos e verdes olhos de pupilas verticais” (Abreu, 2015c, p. 106).

Complementarmente, no lapso posterior à passividade, no elóquio marcado pela suspensão contundente — isto é, a conjunção alternativa “ou” não fronteiriza o termo outro, bruscamente silenciado por um ponto final bloqueador (ou, na contramão, fomentador de teorias passíveis ou não de efetuação) —, um maquinário reativo assume um protagonismo falho:

Exaltou-se, ausentou-se. No intervalo da ausência, distraía-se em chamá-la também, entre susto e fascínio, de A Grande Indiferença, ou A Grande Ausência, ou A Grande Partida, ou A Grande, ou A, ou. *Na tentativa ou esperança, quem saberia, de conseguindo nomeá-la conseguir também controlá-la. Não conseguiu* (Abreu, 2015c, p. 107, grifo nosso).

A tentativa de controle do irreparável limita os prismas de libertação e transluz como está “*o homem perdido na própria antítese de seus desejos, na sua luta diária para encontrar-se dentro de si próprio*” (Menezes, 2011, p. 30, grifo nosso). Com base no contínuo enfrentamento, estas grandezas desuniformes, no decorrer da obra, poderiam ser apontadas como aquelas que enviesam o trajeto da vitalidade do inominado: movimento vs. inércia; sossego vs. tormento; terra vs. fogo; presença vs. falta; sorrir vs. chorar; medo vs. indiferença; dormir vs. acordar; noite vs. dia; hoje vs. amanhã; e vida vs. morte.

Por outro lado, o hasteamento do definhamento mostra-se formidável por motivos de perenidade e modificação física endereçados àquele que está acometido, biologicamente, pela relação interespecífica desarmônica, na modalidade parasitária (*cf.* Universidade de São Paulo, [s.d.]), estabelecida pela Grande Falta:

Tomado a intervalos pelo anônimo, atravessou a tarde, varou a noite, entrou madrugada adentro para encontrar a manhã seguinte, e outra tarde, e outra noite ainda, e nova madrugada, e assim por diante. *Durante anos. Até as temporadas ficarem grisalhas, até afundarem os sulcos em torno dos lábios* (Abreu, 2015c, p. 107, grifo nosso).

Alicerçado à passagem sobressaída recentemente, é plausível a seguinte interrogação: houve a solicitação de auxílio, de pedido de socorro? Como retorno, acha-se este excerto, atravessado, nesta vez, pela camada de resignação:

Houvesse uma pausa, teria pedido ajuda, embora não soubesse ao certo a quem nem como. *Não houve. Mas porque as coisas são mesmo assim*, talvez por certa magia, predestinações, sinais ou simplesmente acaso, quem saberá, ou ainda por ser natural que assim fosse (Abreu, 2015c, p. 107-108, grifo nosso).

Aparte, a experiência do leitor durante a navegação pela estrutura narrativa caiofernandiana “é semelhante à do espectador diante da tela de cinema: ambos captam uma sucessão abrupta de imagens [...] como numa *sequência de choques*” (Nogueira, 2010, p. 98, grifo nosso). Em grau de similitudes, é factível a coligação entre “Transformações” e a película “Ainda Estou Aqui” (2024). Dirigido por Walter Salles, o enredo do filme adapta a obra literária — de mesmo título — de Marcelo Rubens Paiva (2015). Também sequenciado em tríade — entre os anos 1971, 1996 e 2014 —, o longa-metragem tematiza, pelo prisma da sensibilidade, a disrupção de uma família, na vigência dos anos de chumbo, em solo brasileiro, após o falecimento de Rubens Paiva, que fora vítima política durante a Ditadura Militar.

Nessa obliquidade, defronte ao sofrimento parental, as lentes detalham a luta por respostas e a força de uma mãe que, em meio ao luto e às dificuldades financeiras, batalha incessantemente a fim de proporcionar um próspero porvir aos cinco filhos. A cenografia cinematográfica, por seu lado, adotará, como tópicas, a valoração do silêncio, da moderada — quase ou total ausência — de diálogos, tonificando os intrincamentos decorrentes da interiorização das personagens, florescendo este numeroso ajuntamento antitético: som *vs.* silêncio; fisicalidade *vs.* ausência; presente *vs.* futuro; sinceridade *vs.* fingimento; luz *vs.* trevas; e caos *vs.* aparente solução.

Em vista disso, mesmo sucintamente, buscou-se compreender a forma através da qual, por diferentes linguagens, Literatura e Cinema compartilham lugares-comuns no que tange — entre a produção audiovisual brasileira com probabilidade de indicação à 97^a cerimônia do Oscar (*cf.* Associação Brasileira de Cinematografia, 2024; Pinto, 2024) e o texto em prosa do escritor rio-grandense-do-sul —, essencialmente, à personificação da angústia e à diligência à compreensão quanto ao incognoscível.

Subsecutivamente, no desenlace, mesmo após sucessivos episódios de quase falecimento, é contornado o “movimento nascituro” (Evaristo, 2023, p. 35) do personagem que, uma vez livre dos malefícios ocasionados pela Grande Falta, como maquinário do fado, conhece alguém: “Outra Pessoa” (Abreu, 2015c, p. 108). Tautocronamente, é ajustada a seguinte alteração cromática: o dia a dia do protagonista, em ato contínuo à chegada da terceira personalidade, não mais é regido pela coloração verde, mas sim pelo matiz castanho.

De maneira colateral, o abrilhantamento epifânico é acionado no instante em que a impressão do apagamento de si é ressignificada pela ciência em torno das individualidades estarem sendo valoradas pelo prisma de alguém. A superação de atravessamentos limitantes foi concretizada pela recuperação da autonomia, do desnevoamento dos cinco sentidos, da transpassagem das adversidades rumo ao resgate do sujeito, das narrativas próprias. Simboliza-se, sublimemente, a iminência da salvação:

As transformações tinham se tornado tão aceleradas que, no primeiro momento, não soube dizer se a Outra Pessoa via a ele ou a Ela, se se dirigia à moldura, à casca, ao cristal ou ao desenho, ao corpo original, às gotas de sangue. Isso num primeiro momento. Num segundo, *teve certeza absoluta que se tinha desinvisibilizado. A Outra Pessoa olhava para uma coisa que não era uma coisa, era ele mesmo. Ele mesmo olhava para uma coisa que não era uma coisa, era Outra Pessoa* (Abreu, 2015c, p. 108, grifo nosso).

Levando em consideração o reerguimento do “eu” em prossecução à perdurável passagem orquestrada pel’A Grande Falta, no último parágrafo, a reiteração da vida é envolta pela factual emancipação de incidentes traumáticos. O experienciar o mundo, na atualidade, por sua parte, demonstra a não-efemeridade de suas escalas de complexidade: “*Alguma coisa explodiu, partida em cacos. A partir de então, tudo ficou ainda mais complicado. E mais real*” (Abreu, 2015c, p. 108, grifo nosso).

Sumariamente, a transitoriedade pelos três registros escritos de Caio Fernando Abreu, para além do destrinchamento das (des)linearidades das emoções sentidas pelo “sujeito em crise” (Silveira; Martins, [s.d.], p. 485), evidencia a inquietação mosaica procedente da não-identificação deste, precipuamente, com o ambiente e com o modo de (sobre)vida a ele imposto em unicidade. Nada obstante, para algumas personagens, rotas não habituais — ou seja, ermas ao desfecho funesto de natureza semelhantemente engendrada, por exemplo, em “Terça-feira gorda” — são tracejadas.

Como resultado e, também, combate ao martírios perenes, ainda que em contextos delimitados, um indefinido *tu* “sabes principalmente, com *uma certa misericórdia doce* por ti, por todos, que *tudo passará um dia*, quem sabe tão de repente quanto veio, ou lentamente, não

importa” (Abreu, 2015b, p. 161, grifo nosso). Nesse meio tempo otimista e esperançoso, vislumbra-se, em adjeção, como “A *proximidade do recomeço* sensibiliza as perspectivas de *um novo amanhã*” (Firmo, 2024, p. 28, grifo nosso).

6 DELINEAMENTOS CONCLUSIVOS

Diante do exposto nas alíneas precursoras, nesta monografia, os *corpora* foram compostos por materiais artísticos de dois escritores contemporâneos entre si: Caio Fernando Abreu (1948-1996) e Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), de nacionalidades brasileira e portuguesa, reciprocamente. Apesar de terem vivido em espaçamentos temporais semelhantes, até o instante hodierno, não existem detalhamentos quanto ao fato se as personalidades interagiram (ou não), seja por intermédio de cartas, seja através de menções em entrevistas ou conversas diretas.

Atendo-se aos marcos continentais entre Brasil e Portugal, as análises propostas nas paginações versaram, primordialmente, no que tange à conclamação, pela materialidade literária, da resistência e da crítica rumadas às gestões governamentais cingidas pela censura e pela repressão aos direitos fundamentais dos cidadãos: o Regime Militar brasileiro e o Salazarismo.

Nesse panorama, entre a prosa caiofernandiana e a poesia breyneriana, a nocividade implementada durante as décadas de poderios intransigentes — os quais acometeram todos os discordantes, conforme enfatizado, à expatriação, ao desaparecimento, à agressão e à dissonância com a vida — recobre, tanto explícita quanto subjacentemente, os quadros produzidos, com inventividade, pelos artistas da palavra.

Quanto à linguagem, o código enunciado ao público leitor são duas variedades do português — o brasileiro (PB) e o europeu (PE) —, adornadas pela metaforização, pela catarse, pelas comparações, pelas personificações, entre fatores múltiplos que potencializam as mensagens transmitidas, transportando o legente aos afligimentos e aos fluxos de pensamentos das personagens.

Aditivamente, poder-se-ia indicar, com base na combinação entre os oito poemas de SMBA e os três contos de CFA, que os levantamentos temáticos promovem a movimentação pendular acerca das cosmovisões sobre a futuridade das duas nações referenciadas pelas vozes literárias. Isto é, embora tenham sido manifestadas, poucas vezes, nos versos e nos parágrafos, breves aspirações otimistas à via pela vida, o *quebradiço desencanto* sobreleva — não somente aos membros das histórias artísticas, mas também a quem se dedica a lê-las — a manutenção das instâncias a serem suplantadas.

Por essa razão, as lástimas e a aridez consubstanciadas aos textos averiguados traduziram tensões provindas de períodos de instabilidades sociopolíticas. Na temporalidade atinente a cada lançamento, não havia a precisão do cessamento do aterrorizamento. Ainda

assim, de forma pontual, pela gradação dos eventos históricos, seria plausível esta afirmativa: os anos 1974 e 1985, às territorialidades lusitana e brasileira, ordenadamente, simbolizaram, em razão da descontinuidade das nebulosidades enfrentadas, a resposta às incógnitas demarcadas pelas escrituras. Ou seja, mesmo após estratos de morosidade, o *novo amanhã* pôde resplandecer.

Concluindo, tendo em vista os teores [+funéreo] e [+pessimista] estreitos àquelas produções literárias, um questionamento outro poderia estar presente, mesmo nas entrelinhas: *até quando?*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 50 ANOS do Golpe de 1964. **Portal da Câmara dos Deputados**, [S.l.], [s.d.]. DESTAQUE DE MATÉRIAS, não paginado. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/destaque-de-materias/golpe-de-1964>. Acesso em: 9 dez. 2024.
- ABREU, Caio Fernando. A Nair e Zaél Abreu. *In*: ABREU, Caio Fernando. **Caio Fernando Abreu: o essencial da década de 1980**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p. 260-261.
- ABREU, Caio Fernando. Diálogo. *In*: ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015a. p. 25-27.
- ABREU, Caio Fernando. Natureza viva. *In*: ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015b. p. 155-161.
- ABREU, Caio Fernando. Transformações. *In*: ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015c. p. 103-108.
- ABREU, Caio Fernando. Os sobreviventes. *In*: ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015d. p. 29-36.
- AINDA Estou Aqui. Direção: Walter Salles. Produtores: Maria Carlota Fernandes Bruno; Walter Salles; Rodrigo Teixeira; Juliana Capelini; Renata Brandão; Thierry de Clermont-Tonnerre; Lourenco Santana. [S.l.]: VideoFilmes; RT Features; MACT Films, 2024. 1 DVD (137 min.).
- “AINDA Estou Aqui” é o filme indicado pelo Brasil ao Oscar 2025. **Associação Brasileira de Cinematografia**, [S.l.], 25 set. 2024. Disponível em: <https://abcine.org.br/noticias/ainda-estou-aqui-e-o-filme-indicado-pelo-brasil-ao-oscar-2025/>. Acesso em: 9 dez. 2024.
- ALVES, José Édil de Lima. Mudança desconcerto do mundo e valor da poesia em Camões. **Letras de Hoje**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 29-39, jun. 1977. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18892/11985>. Acesso em: 9 dez. 2024.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Arte poética IV. *In*: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018a. p. 367-370.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Cada dia é mais evidente que partimos. *In*: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018b. p. 91.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Carta aos amigos mortos. *In*: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018c. p. 183-184.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Como é estranha a minha liberdade. *In:* ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018d. p. 105.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Data. *In:* ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018e. p. 190.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Exílio. *In:* ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018f. p. 189.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Intacta memória. *In:* ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018g. p. 109.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. O jardim e a noite. *In:* ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018h. p. 47-48.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. O velho abutre. *In:* ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018i. p. 194.

ARAUJO, Rodrigo da Costa. Errâncias, biografemas, *mise-em-scène*: marcas do Decadentismo em cartas de Florbela Espanca e Caio Fernando Abreu. *In:* CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, XI, 2008, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: ABRALIC, 2008. Não paginado. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/014/RODRIGO_ARAUJO.pdf. Acesso em: 9 dez. 2024.

ARNAUT, Luiz. A Portuguesa. **Textos e documentos**. Universidade Federal de Minas Gerais, [s.d.]. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/luarnaut/A%20Portuguesa.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2024.

ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA; LAGARTO, Mariana. As oposições à ditadura do Estado Novo. **RTP Ensina**, [S.l.], 2021. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/explicador/as-oposicoes-a-ditadura-do-estado-novo/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

ATOS Institucionais. **Portal da Legislação**, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www4.planalto.gov.br/legislacao/portal-legis/legislacao-historica/atos-institucionais>. Acesso em: 9 dez. 2024.

BARONI, Gabriela do Couto; SANTOS, Ione Aires; SOUZA, Josiane da Silva. Léxico e Semântica: denotação e conotação - abordagens e reflexões acerca dos efeitos de sentido. *In:* CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, XI, 2008, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos [...]** Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2008, p. 62-70. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xicnlf/11/Cad11_XICNLF.pdf. Acesso em: 9 dez. 2024.

BECHARA, Gabriela Natacha; RODRIGUES, Horácio Wanderlei. Ditadura militar, atos institucionais e Poder Judiciário. **Revista Justiça do Direito**, [S.l.], v. 29, n. 3, p. 587-605, set./dez. 2015. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rjd/article/view/5611>. Acesso em: 9 dez. 2024.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 222-232. Disponível em: <https://joaocamillopenna.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/12/benjamin-obras-escolhidas-vol.-1-magia-e-tecnica-arte-e-politica.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2024.

BRANDÃO, Lucas. Os livros e artigos proibidos na ditadura de Salazar. **Comunidade Cultura e Arte**, [S.l.], não paginado, abr. 2017. Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/os-livros-e-artigos-proibidos-na-ditadura-de-salazar/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

BRASIL. **Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964**. Dispõe sobre a manutenção da Constituição Federal de 1946 e as Constituições Estaduais e respectivas Emendas, com as modificações introduzidas pelo Poder Constituinte originário da revolução Vitoriosa. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-01-64.htm. Acesso em: 9 dez. 2024.

BRASIL. **Ato Institucional nº 4, de 7 de dezembro de 1966**. Convoca o Congresso Nacional para se reunir extraordinariamente, de 12 de dezembro de 1966 a 24 de janeiro de 1967, para discursão, votação e promulgação do projeto da Constituição apresentado pelo Presidente da República, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-04-66.htm. Acesso em: 9 dez. 2024.

BRASIL. **Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968**. São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm. Acesso em: 9 dez. 2024.

BRASIL. **Ato Institucional nº 6, de 1º de fevereiro de 1969**. Altera a composição e competência do Supremo Tribunal Federal, amplia disposição do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968 e ratifica as emendas constitucionais feitas por Atos Complementares. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-06-69.htm. Acesso em: 9 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979**. Concede anistia e dá outras providências. Brasília, DF, 1979. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm. Acesso em: 9 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.559, de 13 de novembro de 2002**. Regulamenta o art. 8º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e dá outras providências. Brasília, DF, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10559.htm. Acesso em: 9 dez. 2024.

BROWN, Carlinhos. Mapa do Meu Nada. Intérpretes: Cássia Eller; Jussara Silveira. *In*: ELLER, Cássia. **Com Você... Meu Mundo Ficaria Completo**. [S.l.]: Universal Music, 1999. 1 disco sonoro. Faixa 2 (4 min 37s). Disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=s3gQjgyx9iU>. Acesso em: 9 dez. 2024.

BUARQUE, Chico. Apesar de Você. Intérprete: Chico Buarque. *In*: BUARQUE, Chico. **Chico Buarque**. [S.l.]: Polygram/Philips, 1978. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 6 (3 min 54s). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/7582/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

CAIO Fernando Abreu: costurando para fora. **Correio do Povo**, [S.l.], 7 set. 2024. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/cadernodesabado/caio-fernando-abreu-costurando-para-fo-ra-1.1530749>. Acesso em: 9 dez. 2024.

CARPEGIANI, Schneider. A REEDIÇÃO DE “MORANGOS MOFADOS” E A RESSACA DA DEMOCRACIA. Recife, [s.d.]. Resenha de: ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/acervo/resenhas/2324-a-reedi%C3%A7%C3%A3o-de-morangos-mofados-e-a-ressaca-da-democracia.html>. Acesso em: 9 dez. 2024.

CAYANN, Nícollas; ALÓS, Anselmo Peres. Os Dragões de Caio Fernando Abreu: literatura engajada e a questão do Outro. **RUA**, Campinas, SP, 2018, v. 24, n. 1, p. 305-310, jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8652519>. Acesso em: 9 dez. 2024.

COMO foram os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki na Segunda Guerra Mundial. **CNN Brasil**, [S.l.], 11 out. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/como-foram-os-bombardeios-de-hiroshima-e-nagasaki-na-segunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

COVA, Anne; PINTO, António Costa. O Salazarismo e as mulheres: uma abordagem comparativa. **Penélope**: revista de história e ciências sociais, [S.l.], 1997, n. 17, p. 71-94, 1997. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2656445>. Acesso em: 9 dez. 2024.

CRESTANI, Leandro de Araújo. O surgimento do inimigo interno: ditadura militar no Brasil (1964 a 1985). **História em Reflexão**, Dourados, 2011, v. 5, n. 9, p. 1-16, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4108>. Acesso em: 9 dez. 2024.

DAMIÃO, Solange. Viagens utópicas e distópicas de Herberto Helder. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, [S.l.], 2022, v. 4, n. 1, p. 364-380, set. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/philia/article/view/121650>. Acesso em: 9 dez. 2024.

DELALIBERA, Mayra; COELHO, Alexandra; BARBOSA, António. Validação do instrumento de avaliação do luto prolongado para a população portuguesa. **Acta Médica Portuguesa**, [S.l.], 2011, v. 24, n. 6, p. 935-942, nov./dez. 2011. Disponível em: <https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/view/1422>. Acesso em: 9 dez. 2024.

DOEDERLEIN, João. depressão. *In*: DOEDERLEIN, João. **O livro dos ressignificados**. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2017a, p. 137.

DOEDERLEIN, João. destino. *In*: DOEDERLEIN, João. **O livro dos ressignificados**. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2017b, p. 195.

DUARTE, Maria Eugênia. Termos da oração. *In*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2024. p. 185-203.

ELIS Regina no Vox Populi (1978). *[S.l.: s.n.]*, 2022. 1 vídeo (59 min 1s). Publicado pelo canal TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9zjFvFPkBM>. Acesso em: 9 dez. 2024.

EM 1979, a Lei da Anistia era aprovada em sessão tensa. *[S.l.: s.n.]*, 2019. 1 vídeo (5 min 50s). Publicado pelo canal Senado Federal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QySRA-vYnPU>. Acesso em: 9 dez. 2024.

ESTRADA, Joaquim Osório Duque. Hino Nacional. **Planalto**. *[S.l.]*, *[s.d.]*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm. Acesso em: 9 dez. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Macabéa**: flor de mulungu. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

EWALD, Ariane Patrícia. Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, *[S.l.]*, 2008, v. 8, n. 2, p. 149-165. 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10733>. Acesso em: 9 dez. 2024.

FERRAZ, Eucanaã. Breve percurso rente ao mar. *In*: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 17-42.

FIORIN, José Luiz. Percurso gerativo de sentido. *In*: FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021. p. 17-53.

FIRMO, João Vittor Gomes. Diante da véspera. **Lagamar**: Revista Mensal de Literatura e Arte, *[S.l.]*, 2024, n. 3, p. 28-29, jan. 2024. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1JlvhPtBN8pfZfBiQpB_GbHAU7bzgehnT/view. Acesso em: 9 dez. 2024.

FIRMO, João Vittor Gomes. Em busca da consideração perdida. **Artes do Multiverso**, *[S.l.]*, 2024, n. 11, p. 95-96, mar. 2024. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1EaJ7W8Tox_lnh2boCQ_MROIr3k9UYeIi/view?usp=drivesdk. Acesso em: 9 dez. 2024.

FORD, Vincent; GIL, Gilberto. Não Chore Mais (No Woman, No Cry). Intérprete: Gilberto Gil. *In*: GIL, Gilberto. **Realce**. *[S.l.]*: Elektra Records, 1979. 1 disco sonoro. Faixa 9 (4 min 34s). Disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=Ws6qN3zgPAg>. Acesso em: 9 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. Prática docente: primeira reflexão. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 60ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 23-46.

GASPARI, Elio. A roda de Aquarius. *In*: GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Não paginado. Disponível em:

<https://redept.org/uploads/biblioteca/6673ae85eb67bd20cab33a9507c61c30.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2024.

GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. Campo semântico/lexical, campo associativo e famílias ideológicas. In: GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. **SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS (coletânea de textos)**. [S.l.]: UFRJ/Faculdade de Letras, 2024. p. 64-67.

HEGENBERG, Leonidas. Algumas idéias tradicionais. In: HEGENBERG, Leonidas. **Definições**: termos teóricos e significado. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 25-34.

HERMES, Ernani. Brasil e Portugal: a literatura em tempos de ditadura. **Navegações**, [S.l.], 2018, v. 12, n. 1, p. 1-3, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/navegacoes/article/view/31494>. Acesso em: 9 dez. 2024.

KLEIN, Cristina. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Rideel, 2015.

LEI DA ANISTIA: É POSSÍVEL PERDOAR OS CRIMES DA DITADURA? | Glenda Mezarobba [S.l.: s.n], 2019. 1 vídeo (10 min 35s). Publicado pelo canal Casa do Saber. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g9XPzZ7rYEQ>. Acesso em: 9 dez. 2024.

LIMA, Engily Jurema Silva Cardozo de; CAMARGO, Luiz Rogério. A RESISTÊNCIA À DITADURA NOS POEMAS DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN. **Caderno PAIC**, [S.l.], 2020, v. 21, n. 1, p. 455-468. 2020. Disponível em: <https://cadernopaic.fae.edu/cadernopaic/article/view/412>. Acesso em: 9 dez. 2024.

LISPECTOR, Clarice. Um Sopro de Vida. In: LISPECTOR, Clarice. **Um Sopro de Vida (Pulsações)**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978. Não paginado. Disponível em: <https://joaocamillopenna.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/08/lispector-um-sopro-de-vida.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2024.

LOUSADA, Abílio Pires; OLIVEIRA, Humberto Nuno. António de Oliveira Salazar. **Revista Portuguesa de História Militar**, [S.l.], 2021, n. 1, não paginado. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.56092/LUOY4568>. Acesso em: 9 dez. 2024.

LUÍS Vaz de Camões (Redondilhas). **Oceano de Letras**, [S.l.], 3 jan. 2013. Disponível em: <https://nuhtaradahab.wordpress.com/2013/01/03/luis-vaz-de-camoes-redondilhas/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

LUIZ, Tiago Marques. “O que é a Literatura Comparada hoje?”, de Susan Bassnett. **Transversal** - Revista em Tradução, Fortaleza, 2022, v. 8, n. 12, p. 74-87. 2022. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/transversal/article/view/85312>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MACEDO, Helder. A lírica. In: MACEDO, Helder. **Camões e a viagem iniciática**. Rio de Janeiro: Móbile, 2012. p. 13-46.

MANZONI, Filipe. De como e quando se pode ler um enjambement. **outra travessia**, [S.l.], 2018, n. 25, p. 57-70. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2018n25p57>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MEMÓRIAS DA DITADURA. **Caio Fernando Abreu**, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/cultura/caio-fernando-abreu/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MENENDÉZ, Fernanda Miranda. Salazar ou a conquista discursiva do poder. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, [S.l.], 2006, v. 10, n. 1 e 2, não paginado. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25238>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MENEZES, Carlos Roberto dos Santos. Reincidências do trágico na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. **Revista Desassossego**, [S.l.], 2019, v. 11, n. 21, p. 61-74, dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/issn.2175-3180.v11i21p61-74>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MENEZES, Jessica Sabrina de Oliveira. Os sapatinhos vermelhos: o tempo e o gosto da solidão em Caio Fernando Abreu. **Anuário de Literatura**, [S.l.], 2011, v. 16, n. 1, p. 29-39. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2011v16n1p29>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MINUTO Saúde Mental #87: Para que serve a serotonina? **Jornal da USP**, [S.l.], 23 mai. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/podcast/minuto-saude-mental-87-para-que-serve-a-serotonina/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MONTEIRO, Francisco Osvaldino Nascimento. Exílio forçado, desterro colonial e deportação política durante o Estado Novo salazarista: um olhar a partir de uma publicação situada. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo**, 2015, n. 53, p. 286-297, mai./ago. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/24028>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MORGADO, William Valdujo Tavares Vieira. SALAZARISMO E REPRESSÃO POLÍTICA E SOCIAL (1932-1945). **Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade, São Paulo**, 2021, v. 2, n. 26, p. 51-55. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/57057>. Acesso em: 9 dez. 2024.

NOGUEIRA, Roberto Círio. A estética do choque em Caio Fernando Abreu. **Revista Literatura e Autoritarismo**, [S.l.], 2010, n. 5, p. 97-105, nov. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/74943>. Acesso em: 9 dez. 2024.

NUNES, João Paulo Avelãs. António de Oliveira Salazar: um esboço de biografia política. **Ipsis Verbis**, Oliveira do Hospital, 2013, v. 6, n. 1, p. 1-7, maio, 2013. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/46436>. Acesso em: 9 dez. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Brasília, 1998. Disponível em: <http://www.ct.ufpb.br/lacesse/contents/documentos/legislacao-internacional/declaracao-universa-dos-direitos-humanos-1948.pdf/view>. Acesso em: 9 dez. 2024.

PALHARES, Joaquim *et. al.* Relatório e ordem de apreensão da PIDE da “Apresentação do rosto” de Herberto Helder, Lisboa, Ulisseia, maio de 1968, Lisboa, 22 de julho de 1968,

Ephemera, biblioteca e arquivo de José Pacheco Pereira, Portugal. **Arquipélagos**, [S.l.], não paginado, jul. 2021. Disponível em: <https://www.arquipelagos.pt/imagem/relatorio-e-ordem-de-apreensao-da-pide-da-apresentacao-do-rostode-helberto-helder-lisboa-ulisseia-maio-de-1968-lisboa-22-de-julho-de-1968-ephemera-biblioteca-e-arquivo-de-jose-pacheco-pereira/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

PINTO, Flávio. Academia confirma que “Ainda Estou Aqui” está elegível ao Oscar; entenda. **CNN Brasil**, [S.l.], 22 nov. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/academia-confirma-que-ainda-estou-aqui-esta-elegivel-ao-oscar-entenda/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. Escrivência, testemunho e direitos humanos em Olhos d’água de Conceição Evaristo. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Porto Alegre, 2021, v. 23, n. 43, p. 8-19, mai./ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rblc/a/ztrMxwqY49Krg6M7pqPdRp/?lang=pt>. Acesso em: 9 dez. 2024.

PIVA, Mairim Linck. Múltiplas vozes sobre uma voz múltipla: Caio Fernando Abreu. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, 2013, v. 37, n. 2, p. 225-233, jun. 2013. Disponível em: <https://puhrs.emnuvens.com.br/fale/article/view/14402>. Acesso em: 9 dez. 2024.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Caio Fernando Abreu. **Delfos** - Espaço de Documentação e Memória Cultural, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.puhrs.br/delfos/acervos/escritores-e-jornalistas/caio-fernando-abreu/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

PORTELLA, Eduardo. Circunstância e problema da história literária. In: PORTELLA, Eduardo. **Literatura e realidade nacional**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 21-39.

PORTELLA, Eduardo. O Balanço das Minorias. In: PORTELLA, Eduardo. **Brasil à vista**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. p. 63-68.

PRO-VIDA. Depressão: causas, sintomas, tratamentos, diagnóstico e prevenção. **Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios - TJDF**, [S.l.], 2019, não paginado. 2019. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/programas-projetos-e-acoas/pro-vida/dicas-de-saude/pilulas-de-saude/depressao-causas-sintomas-tratamentos-diagnostico-e-prevencao>. Acesso em: 9 dez. 2024.

QUEIRÓS, Luís Miguel. Sophia de Mello Breyner: Uma vida vertical. **Público**, [S.l.], 3 jul. 2004. Disponível em: <https://www.publico.pt/2004/07/03/culturaipsilon/noticia/sophia-de-mello-breyner-uma-vida-vertical-1198256>. Acesso em: 9 dez. 2024.

QUINALHA, Renan. Como a ditadura perseguiu a dissidência sexual. **Outras Palavras**, [S.l.], 9 abr. 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/como-a-ditadura-perseguiu-a-dissidencia-sexual/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

RAMPINELLI, Waldir José. Salazar: uma longa ditadura derrotada pelo colonialismo. **Lutas Sociais**, São Paulo, 2014, v. 18, n. 32, p. 119-132, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/25696>. Acesso em: 9 dez. 2024.

REIMÃO, Sandra. "Proíbo a publicação e circulação..." - censura a livros na ditadura militar. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, 2014, v. 28, n. 80, p. 75-90. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79684>. Acesso em: 9 dez. 2024.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Figuras de linguagem: os tropos. In: LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000a. p. 499-508.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Verbo. In: LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000b. p. 121-171.

RODRIGUES, Marcelle Marie Freitas Huet. Salazar e salazarismo. In: RODRIGUES, Marcelle Marie Freitas Huet. **Memórias do salazarismo na sociedade contemporânea**. Orientador: PRADO, Maria Emilia da Costa. 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado em História Política) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. p. 22-32. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/13103>. Acesso em: 9 dez. 2024.

SADER, Emir. Ditaduras Militares. **Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe**, [S.l.], [s.d.], [s.n.], não paginado. [s.d.]. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-dictaduras-militares>. Acesso em: 9 dez. 2024.

SALLES, Silvana. Historiadora recupera biografia política de poetisa portuguesa. **Jornal da USP**, [S.l.], 1 ago. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/historiadora-recupera-biografia-politica-de-poetisa-portuguesa/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

SALVÁ, Camila; DIEDRICH, Andressa. Caio Fernando Abreu: Coragem, relevância e atualidade. **Instituto Ling**, 2020. Disponível em: <https://institutoling.org.br/explore/coragem-relevancia-e-atualidade-marcam-o-legado-de-caio-fernando-abreu>. Acesso em: 9 dez. 2024.

SANTOS, Fabrício Barbosa Teixeira dos. **A noite como símbolo de testemunho em Sophia de Mello Breyner Andresen**. Orientador: XAVIER, Rodrigo Alexandre Carvalho. 2024. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2024. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/23426>. Acesso em: 9 dez. 2024.

SANTOS, Marcelo. A Ditadura Militar no Brasil e o campo cultural: os espaços de consagração. In: CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA; ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH/SE, IV, 2014, Aracaju. **Anais [...]** Aracaju: [s.n.], 2014. Não paginado. Disponível em: http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/37/1424132051_ARQUIVO_Marcelo Santos.pdf. Acesso em: 9 dez. 2024.

SARAMAGO, José. **O Ano da Morte de Ricardo Reis**. 14ª. ed. Lisboa: Caminho, 1984.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. Informações Implícitas. *In*: SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. **Lições de texto**: leitura e redação. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 305-318.

SEQUESTRADOS políticos falam sobre torturas sofridas no DOI-Codi. Produção: Hebe Rios. *[S.l.: s.n.]*, 2024. 1 vídeo (13 min 18s). Publicado pelo canal TV Unicamp. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WNOq9AQLITo>. Acesso em: 9 dez. 2024.

SILVEIRA, Lilian Greice dos Santos Ortiz da; MARTINS, Aulus Mandagará. ENTRECruzamentos entre vida e obra em Caio Fernando Abreu. *In*: ENCONTRO NACIONAL ABRALIC - EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS, TEXTUALIDADES CONTEMPORÂNEAS, XV, 2016, *[S.l.]*. **Anais [...]** *[S.l.]*: UERJ, 2016, p. 481-489. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1490918496.pdf. Acesso em: 9 dez. 2024.

SIMON, Pedro. **Declaração universal dos direitos humanos**: ideal de justiça, caminho e paz. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editorial e Publicações, 2008. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/505869>. Acesso em: 9 dez. 2024.

SOUZA, Erika Neves Lima de; MONTEIRO, Gabriela Lirio Gurgel; SIMÕES, Lúcio Martínez. **PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO “A TEORIA DO INIMIGO”**. Comunicação apresentada em: 13ª Semana de Integração Acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

SOUZA, Thiago Gonçalves. ‘Locus amoenus’, ‘Locus horrendus’: paisagens coloniais da Amazônia no Século XVIII (1751-1759). **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, 2019, v. 29, n. 58, p. 11-23. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/44007>. Acesso em: 9 dez. 2024.

TOMAZI, Micheline Mattedi; NATALE, Raquelli. ANÁLISE DO DISCURSO: O MODELO DE ANÁLISE MODULAR. **Revista (CON)TEXTOS Linguísticos**, Vitória, 2012, v. 6, n. 7, p. 242-256. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/4629>. Acesso em: 9 dez. 2024.

UNIVERSIDADE DE AVEIRO. **Sophia de Mello Breyner Andresen**. *[S.l.]*, 2020. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/honoris-Causa-sophia-andresen>. Acesso em: 9 dez. 2024.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Relações Ecológicas**. *[s.d.]*. PowerPoint da disciplina Ecossistemas Aquáticos e Terrestres (LOB-1230). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6368331/mod_resource/content/1/aula5_relacoes_ecologicas.pdf. Acesso em: 9 dez. 2024.